

Janeiro a Março de 1909

---

**BOLETIM DA REAL ASSOCIAÇÃO**

DOS

**ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES**

---

**Descrição da egreja do Espirito Santo parochial da villa de****ALDEIA GALLEGA DO RIBA-TEJO**

Em 1906 publicou o Sr. José de Sousa Rama umas interessantes «Coisas da nossa terra—Breves noticias da villa de Aldeia Gallega do Riba-Tejo» e nellas se encontra a parte historica tratada com a maxima intelligencia e desenvolvimento, com citações e transcripção de documentos muito importantes para corroborar o que se propôs apresentar aos seus Patricios; porém na parte descriptiva foi um pouco omisso, o que não admira, pois que mais o interessou a historia, deixando as descrições de edificios, que são vistos, e podem ser analysados mais especificadamente, áquelles que desejem colher noticias circumstanciadas de um ou outro dos edificios, que se erguem na villa de Aldeia Gallega. Assim, depois de ter lido com satisfação as «Breves noticias da villa de Aldeia Gallega» visitando a egreja parochial, e procedendo a exame minucioso de tudo quanto orna aquelle templo, encontrei coisas, que prenderam a minha attenção, e que merecem ser descriptas.

A egreja antiga era de menores dimensões e de uma só nave, como se deprehe de do termo da Visitação de D. Jorge, filho de D. João II e mestre da ordem militar de Sant'Iago.

«Visitamos esta nosa villa daldeagallega no modo e maneira seguinte:

A quall visitaçã começamos de fazer na igreja de santo espirito

da dita villa aos xx dias do mes de julho desta era de mil vº e doze com dom Johão de braagaa prior moor da dita ordẽ e francisco bar-radas nosso chanceller e da dita ordem ambos lecemciados *in utroque iure* que tomamos por ajudadores pera comnosco fazerem a dita visitaçam.

Visitação da Igreja de samtisprito dalldeagallega.

Visitamos a dita Igreja A quall tem na capella moor huñ alltar de huña pedra grande sobre dous esteyros de pedra e estaa detras delle huñ Retavollo pyntado de pymtura de frandes e nelle ho espirito samto quando decemdeo sobre os apóstolos. . . . .

E o corpo da Igreja tem nas ombreiras da capella dous alltares huñ aa mão direita e outro aa mão esquerda e o da parte do evan-gelho he dallvenaria o quall tem huñ Retavollo pequeno que tem a trindade bem pintado.

E da mão direita estaa outro Alltar de sam pedro e em cima delle em huña tavao estaa pyntado sam bras.

E junto deste alltar da mão direita estaa huña samcristia A quall he madeirada de madeira de castanho e a dita Igreja he ladrilhada e detras da porta principall estaa hũa pia de bautizar.

E o corpo da Igreja tem as paredes de pedra e caall e cuberta de telha vãa e tem de comprido quinze varas e mea e de larguo seys varas e quarta.

A darredor da dita Igreja estaa huñ allpembre com seu peitorill de pedra e armado sobre esteyros o quall alpendre estaa ante a porta principall e na ilharga da parte do sull.

E o adro da dita Igreja tem da parede dela ao sull quatorze va-ras e da parede da dita Igreja ate o cabo do adro da parte do norte tem huña vara e da parede da dita Igreja da ousia ate o cabo do adro direito ao levante vynte e oito varas e mea e da porta principall ate o cabo do adro direito ao ponente tem trimta varas e mea.

E aa emtrada da porta principall estaa huñ campanairo em que estão dous synos grandes e muyto bõos. . . . »<sup>(1)</sup>

O alpendre já na visitação de 2 de junho de 1528 «os officiaes Reçebedores da fabrica e algũs homes do povo» apontaram e pediram

---

(1) *Torre do Tombo*—Ordem de Sant'Iago. Livro de Visitações, n.º 156. Documentos transcriptos pelo Sr. José de Sousa Rama nas suas *Breves noti-cias da villa de Aldeia Gallega do Riba-Tejo*.

«que o alpêdre da dita Igreja da banda do sull lho mãde tirar por quãto os almocreves e caminhamtes fazem delles estalagê e cometem alguãas desulações».

E na visitação de 20 de julho de 1609 o visitador mandou «concertar e igoalar as escadas q<sup>o</sup> estão ha entrada do Alpendre defronte da porta principal antes q<sup>o</sup> de todo se damnifiquem. . . ».

É de crer pois, que pelas obras das reconstrucções da igreja nos seculos XVII e XVIII o resto do alpendre fosse demolido, visto que de nenhum abrigo servia aos que entravam para assistir aos officios divinos, e sómente para actos menos conformes com a decencia e respeito do logar sagrado.

Para com o adro da antiga igreja tambem não houve naquelles tempos a devida consideração e respeito, porque na visitação de 1607 os freires da ordem de Sant'Iago, declararam no termo «Fomos informados q<sup>o</sup> no adro desta igreja se faziam palãques p<sup>a</sup> ver touros (o q<sup>o</sup> hee muito indegente e pera estranhar) pello q<sup>o</sup> mandamos q<sup>o</sup> daqui em diante se não façam mais os ditos palãques dos Marcos do adro q<sup>o</sup> de novo se demarcarão p.<sup>a</sup> dentro: o q<sup>o</sup> cada hũ cumprirá com pena de excomunhão de vinte cruzados applicados a metade p.<sup>a</sup> a fabrica da igreja e a outra p.<sup>a</sup> o convento e meirinho da visitação, e mandamos ao Prior em virtude de obediencia não consinta fazeremse os ditos palãques no dito adro. . . ».

A actual igreja tem a frontaria voltada ao Occidente, com duas torres e uma porta principal, e sobre esta uma janella para o côro, e duas portas lateraes uma do lado do Norte e outra do Sul.

Na frontaria e sobre a janella do côro está uma lapida com a inscripção

CONCE

LHO

1604

A orientação dada ás igrejas christans, pela disposição do eixo longitudinal, foi desde os primeiros tempos do Christianismo de Oriente para Occidente, symbolizando d'esta fórma o templo de Jerusalem, onde os crentes oravam a Deus com o rosto voltado ao Oriente, e os christãos interpretando as prophcias hebraicas, que tinham prognosticado a vinda do Messias para dar a verdadeira religião do futuro,

estabeleceram e seguiram até ao seculo XIV na construcção dos seus templos a orientação da capella mór para o Nascente, e a fachada para o Poente; notando-se todavia em muitas egrejas, principalmente de ordens monasticas, a orientação inversa, e ainda em outras egrejas parochiaes de epochas recentes obedecendo a circumstancias locais de symetria.

A fabrica do corpo da igreja estava a cargo do pòvo da terra, e por isso todas as obras de reconstrucção, restaurações e adornos eram mandadas executar pelos officiaes da camara do concelho, conforme se verifica nos termos das visitações feitas pelos freires da ordem de Sant'Iago, á qual a villa pertencia, e tambem pela «Diffiniçam LXXI» (1) que determinava: «vista a proposta dos dittos Commendadores, & considerando o mais que por sua parte foy allegado, para não haverê de ser obrigados á fabrica das novas Igrejas, concerto, & reparo dellas, diffinimos, & mandamos que os dittos Commendadores não sejam contrangidos ao fasimento, reparo, & reedificaçãõ de suas Igrejas, por ser propria obrigaçãõ dos fregueses, & os dittos Commendadores a terão sómente ás Capellas mores, como tem os Commendadores da Ordem de Christo, & os Priores das Igrejas seculares, & mandamos ao Commendador mór de nossa Ordem não consinta ser feyta molestia, nem força algũa aos Commendadores della no particular do que neste Capitulo se dispõem, & ao Procurador geral defenda o direyto da Ordem nesta materia, em caso que nella haja algũa contradicção.»

A igreja é de tres naves divididas por oito columnas de fustes redondos e capiteis da ordem toscana, sob arcos de volta inteira, e duas mizulas na parede do arco cruzeiro.

Esta reconstrucção da igreja é do seculo XVII, como provam a inscripção da frontaria e outras de que trataremos.

O orago da freguezia é o Espirito Santo, e no retabulo do altar mór está um painel representando o Pentecostes. A abobada da capella mór é do seculo XVI, e conserva os artezões da sua construcção, á qual

---

(1) *Regra Estatutos Diffiniçoens e Reformaçam da Ordem & Cavallaria de Santiago da Espada*. Lisboa, 1694, pagg. 175 e 176.

As «Diffiniçoens e Reformaçam da Ordem de Santiago de Espada» foram feitas em capitulo geral por el-rei D. Philippe III em 1627.

se refere a visitação de 6 de junho de 1534, onde diz «visitamos a capella moor a quall esta ora novamête fecta daboboda dallvenaria cõ as chaves de pedraria tem o alltar dallvenaria e sobre elle o rretavollo cõtheudo na vissitação passada. . . ».

Os altares das naves são seis, sendo do lado do Evangelho:

Nossa Senhora da Piedade,

Nossa Senhora do Rosario ou Almas,

Nossa Senhora da Conceição, e na face do arco d'esta capella está em uma linha a seguinte inscripção:

ESTA CAPELA DAMADRE·DEOS·FIZERÃO·HOS  
MARIANTES·DESTAVILLA 1575

Do lado da Epistola são:

S. Pedro,

Senhor dos Passos,

Nossa Senhora da Purificação, e em lapida sobre o arco da capella se vê a inscripção

ESTA·CAPEL·DENOSSA·SENORÃ·DAPVRIFI  
CASÃO·ESTITVIRAM·OSOMEIS·TRABALH  
ADORES·DESTA·VILLA·ANO·D 1607.

A reconstrucção da igreja, a divisão das naves e sua estrutura apresentam o typo pesado e desgracioso do seculo XVII adoptado nos seus caracteres architectonicos em muitas egrejas do Alemtejo.

Os altares das naves e da capella mór são resguardados por uma teia com balaustres torcidos em pau santo, tendo equidistantes pilares de marmore cõr de rosa.

Devem ser estas «as grades de páo do Brazil» que na visitação de 20 de julho de 1609 o visitador da ordem de Sant'Iago mandava aos officiaes da Camara se fizessem nestes termos: «Foi mais mandado na dita visitação passada (1607) ao povo desta villa, por ter obrigação há fabrica do corpo da igreja e capella mór, q̃ possesse hũas grades de páo no arco da dita capella com seu fecho e de tamanho q̃ não impidão a vista do Altar. . . . e q̃ os vereadores e procurador do Concelho mandarião fazer

as ditas cousas com pena de mil réis por cada hũa p<sup>a</sup> o convento e meirinho. . . . as grades em termo de dous annos; as quaes cousas não achamos feitas avendo dellas grande necessidade na igreja pelo q̄ mandamos aos ditos officiaes da Camara q̄ em termo de seis meses da publicação desta mandem fazer as ditas grades com fecho; e serão de páo do Brazil, e caixas (como se costumão) q̄ não tolhão a vista do altar p<sup>a</sup> mais decêcia do Santissimo Sacramento com pena de outros dois mil réis, applicados p<sup>a</sup> o convento e cativos e meirinho da visitação».

As paredes da egreja são vestidas até meia altura de bons e vistosos azulejos, pintura em azul sobre fundo branco, representando em paineis, divididos por molduras e ornatos no azulejo, quadros da vida da Virgem: começando da parede proxima da capella mór e do lado do Evangelho—Fugida para o Egypto, Anunciação, Circumcisão; do lado da Epistola—A Familia Sagrada, Sant'Anna a Virgem e S. Joaquim, o Pentecostes; e no vão do côro e guarda-vento—Coroação da Virgem, e o Casamento.

A capella baptismal, proxima do guarda-vento da porta principal, tem na parede do fundo no mesmo azulejo o painel S. João baptizando Jesus Christo no rio Jordão.

Estes azulejos são do meado do seculo XVIII, bem definidos pelo desenho e colorido. Os que revestem os rodapés das capellas das naves, e os da capella mór são de desenhos diversos, e estão datados os da capella mór, pois que sobre a verga da porta do lado do Evangelho, a qual dá serventia para a sacristia está ANNO e sobre a verga da porta fronteira, que dá ingresso para o archivo parochial 1708.

Tem um só pulpito do lado do Evangelho encostado á segunda columna da nave central, resguardado por uma escada em marmore côr de rosa com o corrimão do mesmo marmore sobre balaustres de bronze, sendo a bacia e o pedestal lavrado, em que assenta o pulpito tambem do mesmo marmore, bem como o peitoril com os balaustres em bronze. Este pulpito foi mandado fazer aos officiaes da Camara pelos «crescimentos das rendas do cons.<sup>o</sup> conforme há provisão q<sup>a</sup> tem de sua Mag.<sup>de</sup> p<sup>a</sup> as obras da igreja, cõ pena de vinte cruzados do dito modo applicados (Provisão q<sup>a</sup> está na camara desta Villa p<sup>a</sup> se conçertar a Igreja a custa dos acrescimos das rendas do Con.<sup>o</sup> da mesma V.<sup>a</sup>)» porque pela visitação de 20 de julho de 1609, o visitador declarou no

termo «agora achamos ter esta igreja necessidade das cousas seguintes q<sup>o</sup> são da obrigação do povo. Item accrescentar a samchristia duas varas de medir entrando nellas a largura da parede, Item Hum lavatorio na samchristia com seu registo de latam, . . . Item hũ pulpito de pedra dalcantara ou da mialhada, . . . ». A pedra de Alcantara ou da Mealhada é vidro, e o marmore do pulpito e seus accessorios, como se vê actualmente, é o lioz vermelho ou rosa de Pero Pinheiro.

O côro é no espaço da egreja entre as duas torres, e a abobada do guarda-vento da porta principal é forrada de azulejos com pintura polychroma. São estes azulejos do seculo XVI e os mais antigos, que se encontram na egreja, e deverão ser dos que forravam as paredes, aos quaes se refere a visitaçõ de 6 de junho de 1534.

O tecto antigo da egreja era, segundo indica a visitaçõ de 20 de julho de 1512 em «telha vã» depois no seculo XVII as naves eram cobertas por madeira em apainelados e pinturas semelhantes ás que ainda se vêem na sacristia, mas estando em mau estado, foi o tecto de madeira substituido por abobadas em tijolo e pintadas, imitando estuque, como presentemente está, e esta construcçõ foi feita, conforme se acha indicado na pintura sobre a janella do côro

## RESTAURADA

EM

1898

A sacristia era na primitiva do lado da Epistola e junto ao altar de S. Pedro, altar que já assim se encontra designado na visitaçõ de 20 de julho de 1512; e pela visitaçõ de 2 de junho de 1528 foi ordenado «Item a samchristia esta caize no meo da Igreja e a serventia della he deshonesta por os secerdotes hirẽ por amtre os leigos a celebrarẽ suas misas ao altar moor e asy aos outros E muy nesario que se mude pera a capella moor por mais onestidade e melhor serventia» e d'esta fórma se transferiu para a capella mór e do lado do Evangelho, e pela visitaçõ de 20 de julho de 1609 que fosse accrescentada «a samchristia duas varas de medir entrando nellas a largura da parede» e toda esta obra, como está, é do seculo XVII, e o tecto é em madeira com pinturas dividido em quatro paineis, tendo nos centros emblemas da ordem de Sant'Iago: o escudo e a espada sendo o punho a cruz da

ordem— a capa de romeiro com as vieiras— a palma bordão e cabaça — e um escudo com a cruz da ordem.

O rodapé, que guarnece as paredes da sacristia, com um metro e trinta e cinco centímetros de altura, é em azulejos seiscentistas, azul carregado sobre fundo branco, representando pequenos quadros de vasos com flôres entre anjos.

Na parede do lado do Norte está o arcaz em madeira do Brazil com ferragens amarellas e o altar, na parede do Nascente e entre duas janellas está o lavatorio em marmore côr de rosa com torneira de latão, como determinou a visitaçãõ de 20 de julho de 1609, e tudo em harmonia com o estylo da epoca do seculo XVII comprovado pelo anno de 1634, que se acha gravado entre os almofadados da porta, que da sacristia communica com a capella mór.

Os altares das naves e o da capella mór têm os retabulos em tálha de madeira dos seculos XVII e XVIII pintada e dourada, com imagens em vulto de epoca moderna.

Na capella de Nossa Senhora da Conceiçãõ dos Mareantes se acham dois pequenos quadros allusivos a lances marítimos succedidos recentemente a uma barca e a uma falua, sem relatarem os successos.

Na parede do arco cruzeiro, proximo do altar da Senhora da Piedade está um painel da epoca com um letreiro referindo que, o altar mór é privilegiado, pelo breve pontificio do Papa Pio VI expedido em 10 de maio de 1793, para as missas de defunctos celebradas nos dias de segundas, quartas e quintas feiras de cada semana.

Na torre do lado do Norte estão quatro sinos, o maior tem na parte superior uma cinta com ornamentos, no centro para fóra da torre uma cruz ornamentada em relêvo, para a parte de dentro da torre lizo, e em baixo uma cinta com a legenda GUERRA O FES NO ANNO DE 1818

Os outros tres sinos são de diferentes tamanhos, tendo em cima cintas ornamentadas, nos centros para fóra pequena cruz sem peanha com ornamentos nas extremidades da haste e braços, e em baixo na borda em cinta CANDIDO ROIZ BELLAS LISBOA 1867

Na torre do lado do Sul está o relógio, e tem um sino, que dá as horas; em cima uma cinta ornamentada, no centro para fóra da torre

em relêvo uma Custodia de formato antigo sem raios, em baixo numa cinta liza e em uma linha ◊ FRANCISCO ◊ CARVALHO ◊ MEFESS ◊ NAERA ◊ DE ◊ 1680 ANNOS ◊

O cartorio parochial antigo é importante, e existem alli archivados sete livros numerados, sendo:

*Livros 1.º 2.º 3.º e 4.º de Baptizados, Casamentos e Obitos.*

O L.º 1.º Incompleto, começa na folha 21 com o seguinte termo de baptismo:

*Domingos — Aos 18 de dezembro de 1572 baptizei dominguos f.º de f.º da pouoa e de sua molher maria aluiz padrinho f.º piz madrinha isabel duarte*

*fr.º aluiz bnf.º e cura*

finda com um assento de obito em 1 de fevereiro de 1581.

L.º 2.º Completo tendo os termos de abertura e encerramento. Principia com um baptismo em 15 de agosto de 1607, e finda com um obito em 2 de maio de 1640.

L.º 3.º Incompleto, começa na folha 24, tendo um assento de baptismo em 18 de maio de 1649, e termina com um assento de obito em 27 de dezembro de 1661. Tem este livro o respectivo termo de encerramento.

L.º 4.º Completo com os termos de abertura e encerramento. Principia com um baptizado em 1 de janeiro de 1664 e termina com um assento de obito em 25 de dezembro de 1671.

L.º 5.º *Baptizados*. Está completo, sendo o primeiro termo lavrado em 8 de fevereiro de 1688, e o ultimo em 9 de novembro de 1722.

L.º 6.º *Baptizados*. Começa em 12 de novembro de 1722, e segue a 11 de dezembro de 1740, com outros assentos até 1769 mandados lavar por sentenças do vigario geral de Setubal.

L.º 7.º *Baptizados*. Incompleto faltando as folhas 1, 2 e outras, contém assentos desde 22 de janeiro de 1741 a 27 de março de 1757.

Existem tambem archivados os seguintes livros:

«L.º das Visitaçõins da / Ordem de Santiago da Igreja matriz /

do Spiritu Sancto da Villa de Aldea / galega de Ribateijo do anno de 1607 em diante.» Contém escriptos os termos das visitas feitas á igreja pelos freires da ordem de Sant'Iago desde 1607, até 4 de novembro de 1733, e no mesmo livro se acham transcriptas provisões e alvarás regios desde 1733 a 25 de fevereiro de 1846.

«L.º Lembranças das Capellas desta Igreja do Sp.º Santo mattriz da Villa de Aldagallegua de Ribatejo 1684.»

«Liuro da receita e despeza da confraria de N. Snr.ª do Rozario 1685 a 1728.»

«Liuro da veneravel ordem terceira da Penitencia de 1760 a 1804.»

JOSÉ JOAQUIM d'ASCENSÃO VALDEZ

---

## UM CODICE INTERESSANTE

Existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa um codice interessante para o estudo dos monumentos sacros da capital; é o cod. 145.

É um vol. in-folio, de 300×205 millimetros, encadernado; tem 476 fl. e foi escripto nos annos de 1704 a 1708. Falta-lhe a folha de rosto, não tem titulo; na lombada, em caracteres dourados, diz: *Historia de Lisboa*. Este codice dá noticias, por vezes minuciosas, das casas religiosas, suas fundações, e seus fundadores, egrejas, capellas e irmandades, ornatos e alguns letreiros, imagens celebres, algumas biographias, por exemplo a de Luiz de Camões, ao tratar do convento de Sant'Anna, e bastantes indicações sobre missões ultramarinas a proposito dos seminarios e noviciados estabelecidos na capital para educação e instrução de missionarios.

Por isto fiz este indice que póde ser util aos estudiosos.

## Indice do cod. 145 da coll. de mss. da Bibliotheca Nacional de Lisboa

Do magnifico e real convento chamado Sam Vicente de fóra dos muito Reverendos PP. Conegos regrantes de Santo Agos- tinho. Fundação . . . . .	1
Da fundação da nova egreja . . . . .	9
Descreve-se o nobilissimo frontispicio . . . . .	10
O interior do templo . . . . .	11 v.
Capella da Senhora do Pilar . . . . .	14 v.
Claustros e sacristia . . . . .	21 v.
Noticia do convento de S. Francisco da Cidade . . . . .	25
Noticia da egreja de S. Francisco e das muitas capellas que nella ha . . . . .	28
Noticia do governo da irmandade da Terceira Ordem de S. Francisco . . . . .	41 v.
Noticia do convento de S. Domingos . . . . .	48
Fabrica interior do convento . . . . .	53 v.
Convento dos PP. Eremitas de Santo Agostinho chamado vul- garmente N. Senhora da Graça . . . . .	57
Fundação da nova egreja, e suas capellas . . . . .	59 v.
Sacristia e fabrica interior do convento . . . . .	69 v.
Convento da Santissima Trindade . . . . .	75
Sua primeira fundação . . . . .	76
Convento de N. S. <sup>a</sup> do Monte do Carmo . . . . .	84
Da irmandade da 3. <sup>a</sup> ordem de N. S. <sup>a</sup> do Monte do Carmo . . . . .	92 v.
Convento de Santo Eloy dos RR. PP. Conegos Seculares de S. João Evangelista . . . . .	97 v.
Da nova egreja de Santo Eloy e algumas memorias da an- tiga . . . . .	101
Noticia da casa professa de S. Roque da Companhia de Je- sus . . . . .	108
Dos insignes santuarios de reliquias . . . . .	123 v.
Da capella da Senhora da Doutrina . . . . .	131
Do P. Leão Henriques, e outros . . . . .	155
Recolhimento das convertidas . . . . .	171

Convento de Santo Antonio dos Capuchos.....	178 v.
Convento de N. S. <sup>a</sup> da Estrella da religião de S. Bento.....	184 v.
Real collegio de Santo Antão o Novo.....	188 v.
Da occasião que teve el-rei D. João o 3. <sup>o</sup> para pedir a S. Ignacio alguns dos seus companheiros para missionarios da India.....	190
De como chegou a Lisboa o Padre Mestre Francisco Xavier, e do que passou até se embarcar pera a India.....	194
De como veio a poder da Companhia a casa de Santo Antão no sitio da Mouraria.....	199
Noticia de quem foi a fundadora do templo do Collegio de S. Antão e que motivo para isso teve.....	213 v.
Descripção da igreja do Collegio novo de S. Antão.....	216 v.
Convento de Nossa Senhora do Desterro, dos religiosos de S. Bernardo.....	238 v.
Da nova igreja do convento do Desterro.....	240 v.
Convento de N. S. <sup>a</sup> de Jesus dos religiosos da Terceira Ordem do Serafico P. <sup>e</sup> S. Francisco.....	241 v
Da casa dos Irmãos Terceiros, do Hospital e da Sacristia do convento.....	246 v.
Do magnifico convento de S. Bento, dos religiosos filhos do mesmo grande Patriarca.....	250
Collegio dos PP. eremitas de S. Agostinho chamado S. Antão o velho.....	256 v.
Da casa do Noviciado da Companhia de Jesus.....	260
Convento dos religiosos eremitas de S. Agostinho chamado Penha de França.....	270
Convento de N. S. <sup>a</sup> dos Remedios dos PP. Carmelitas descalços.....	279
Seminario de S. Patricio de Collegiaes Irlandezes.....	287
Noticia da casa e hospital de S. João de Deus e do Seminario de S. Pedro da nação ingleza e do hospicio dos PP. Capuchinhos Francezes.....	291
Convento de N. S. <sup>a</sup> dos Anjos dos Capuchinhos francezes....	293 v.
Convento dos religiosos eremitas de S. Paulo, no sitio da calçada do Congro.....	294 v.
Nova egreja e novo edificio do convento dos reverendos PP. Paulistas.....	296 v.

Casa de N. S. <sup>a</sup> da Divina Providencia.....	296
Convento dos religiosos irlandezes filhos do patriarca S. Domingos no sitio do Corpo Santo.....	300
Convento do Sacramento dos PP. Carmelitas descalços.....	304
Casa do Espirito Santo, dos PP. da Congregação do Oratorio.....	309
Convento de N. S. <sup>a</sup> da Boa Hora.....	312
Novo collegio de S. Francisco Xavier, visinho do Campo de Santa Clara.....	315
Convento de S. Pedro de Alcantara.....	318
Convento de N. Senhora do Livramento da Ordem da Santissima Trindade.....	322
Do hospicio dos religiosos capuchinhos italianos missionarios da Ethiopia Occidental ou inferior. Breve noticia das Missões que na Africa meridional cultiva o zelo dos reverendos padres capuchinhos italianos nas conquistas da corôa de Portugal.....	326
Da primeira missão mandada por el-rei D. João 2. <sup>o</sup> .....	326 v.
El-rei D. João 3. <sup>o</sup> mandou outra missão.....	329
Como D. Manuel e D. João 3. <sup>o</sup> continuaram a obra de D. João 2. <sup>o</sup> , na conversão da Ethiopia occidental.....	333 v.
Noticia do reino de Angola, e da missão em tempo de D. Sebastião.....	337
De dois seminarios que ha em Lisboa para boa criação dos moços de menor idade.....	341
Principios que teve o Seminario dos meninos Orphãos chamado de Jesus.....	341 v.
Do Seminario archiepiscopal chamado de S. <sup>ta</sup> Catharina.....	343
De dois noviciados que actualmente (1707) se fundam em Lisboa para nelles se crearem sujeitos a beneficio das missões da India.....	344
Do noviciado que debaixo da invocação da Beata Princesa Dona Joanna fabricam os religiosos de S. Domingos no sitio de Andaluz.....	344
De outro noviciado... para crear noviços da Companhia de Jesus a beneficio das missões da India Oriental.....	345 v.
Resolve a Senhora Rainha da Gram-Bretanha D. Catharina a fundar casa de noviciado da Companhia para crear sujeitos para as missões da India.....	348 v.

Noticias dos mosteiros das religiosas da cidade de Lisboa:	
Convento de Santos, da Ordem militar de S. Thiago . . . . .	349
Mosteiro de Santa Clara . . . . .	352 v.
Mosteiro do Salvador, de religiosas de S. Domingos . . . . .	368
Noticia da vida e morte de D. João Esteves fundador do mosteiro do Salvador . . . . .	377 v.
Mosteiro de N. Senhora da Rosa, de religiosas de S. Domingos .	392
Mosteiro da Esperança . . . . .	398
Mosteiro da Annunciada . . . . .	403
Mosteiro de Sant'Anna de religiosas da Terceira Ordem de S. Francisco . . . . .	410 v.
Memoria do grande Luis de Camões . . . . .	413
Mosteiro das religiosas de Santa Martha da Serafica Ordem de S. Francisco . . . . .	419
Mosteiro de S. Alberto das religiosas carmelitas descalças . . .	424
Mosteiro de Santa Monica das religiosas de S. Agostinho . . .	429
Convento das religiosas inglesas de Santa Brígida . . . . .	433
Mosteiro do Sacramento de religiosas de S. Domingos . . . . .	440
Mosteiro da Encarnação de religiosas da ordem militar de S. Bento de Aviz . . . . .	443 v.
Do convento das religiosas Bernardas descalças de N. S. <sup>a</sup> da Nasareth . . . . .	459
Mosteiro de N. S. <sup>a</sup> da Soledade de religiosas descalças da Ordem da Santissima Trindade . . . . .	462
Mosteiro do Santo Crucifixo de religiosas capuchinhas francezas . . . . .	466
Do mosteiro de N. S. <sup>a</sup> da Conceição chamado dos Cardaes, das madres Carmelitas descalças . . . . .	474

GABRIEL PEREIRA.



## O CODICE DE GONZAGA PEREIRA

O codice n.º 215 da collecção dos manuscriptos da Bibliotheca Nacional de Lisboa contem a —Descripção dos monumentos sacros de Lisboa, ou collecção de todos os conventos, mosteiros e egrejas parochiaes do recinto da cidade de Lisboa em 1833. Com os desenhos de seus alçados—. É um documento unico que nós devemos ao cuidado, á curiosidade e á rara aptidão de Luiz Gonzaga Pereira que foi gravador da Casa da Moeda. O retrato do autor, desenhado por elle proprio, orna o volume. Os desenhos a lapis são 141, alguns levemente coloridos. É obra de desenhista gravador, minucioso, reproduzindo quanto possivel o seu original com a maior exactidão. Ha aqui desenhos primorosos, de muito trabalho e fina execução. Nas memorias que acompanham as estampas ha muitas noticias interessantes. O cod. divide-se em 3 partes, com paginações differentes. Agora numerei a seguir, e fiz o indice para facilitar o estudo do precioso volume. Seria bom serviço a reproducção pela typographia deste trabalho inedito. Muitos dos edificios representados existem hoje alterados, outros deappareceram.

### Indice do cod. 215 da Bibl. Nac. de Lisboa

Nossa Senhora da Graça. Agualella. Frontaria, cruzeiro — De agostinhos calçados.....	1
Nossa S. <sup>a</sup> da Penha de França. Agualella. Fonte e cruzeiro; figuras populares.—De agostinhos calçados.....	4
Colleginho de Santo Agostinho. Agualella. No largo do Colleginho, proximo á Calçada de Santo André e ao largo do Terreirinho.—Agostinhos calçados.....	7
N. S. <sup>a</sup> do Monte, e S. Gens. Agualella.—Agostinhos calçados...	10
N. S. <sup>a</sup> do Monte Olivete, ao lado da estrada do Beato Antonio. Este e os que seguem são desenhos a lapis.—Agostinhos descalços.....	13

N. S. <sup>a</sup> da Boa Hora de Lisboa, desenho a lapis. Na Rua nova do Almada. — Agostinhos descalços.....	16
N. S. <sup>a</sup> da Boa Hora de Belem. — Agostinhos descalços.....	18
Santa Rita de Cassia. Na estrada que vae do chafariz de Andaluz para S. Sebastião da Pedreira. — Agostinhos descalços.....	21
S. Pedro de Alcantara. Arrabidos.....	24
S. Cornelio, proximo á freguezia dos Olivaeas. Arrabidos.....	27
S. Bento da Saude. Benedictinos... ..	29
N. S. <sup>a</sup> da Estrella, de Benedictinos.....	32
N. S. <sup>a</sup> do Desterro, religiosos de S. Bernardo.....	35
N. S. <sup>a</sup> de Laveiras, dos monges de S. Bruno, ou cartuxos.....	38
Santo Antonio dos Capuchos. Capuchos da Provincia de Santo Antonio.....	41
S. Antonio da Convalescença, de frades capuchos da provincia de Santo Antonio.....	43
S. Antonio da Carreira; capuchos da provincia da Conceição.....	46
N. S. <sup>a</sup> dos Anjos. Capuchos francezes da provincia da Bretanha; na rua que vae do cruzeiro da Esperança ao palacio do marquez de Abrantes.....	49
N. S. <sup>a</sup> da Conceição da Porciuncula, de capuchos barbadinhos italianos.....	52
N. S. <sup>a</sup> do Carmo, de carmelitas calçados.....	55
N. S. <sup>a</sup> dos Remedios, de carmelitas descalços de Santo Alberto. Corpus Christi, de carmelitas descalços de Santo Alberto. No meio da Rua dos Fanqueiros.....	61
S. João da Cruz, em Carnide, de carmelitas descalços da reforma de S. Thereza e de S. João da Cruz —; em frente do collegio dos freires thomaristas da Ordem de Christo.....	64
S. João Nepomuceno, de carmelitas descalços allemães.....	67
N. S. <sup>a</sup> da Luz, ou N. S. <sup>a</sup> da Conceição da Luz, da Ordem dos religiosos de Christo. O desenho mostra a frontaria da igreja, e a do convento, actual Collegio militar.....	70
S. Vicente de Fora.....	73
S. Bento de Xabregas, vulgo Beato Antonio, de conegos seculares de S. João Evangelista.....	79
Senhor Jesus da Boa Morte, e Caridade; de monges descalços de S. Paulo; proximo ao Real Paço das Necessidades. Cru-	

zeiro em edificação especial, quadrada, com telhado e candeieiros ou lanternas pendentes.....	79
S. Vicente* de Paula, vulgo Rilhafoes ou Rilhafolles, da Congregação da Missão de S. Vicente de Paula.....	82
Espirito Santo, da Congregação do Oratorio de S. Felippe Nery, no fim da rua do Chiado.....	85
N. S. <sup>a</sup> das Necessidades, da Congregação do Oratorio de S. Felippe Nery.....	88
S. Camillo de Lellis, da Ordem de clerigos regulares ministros dos enfermos, na continuação da rua do Poço de Borratem.	91
S. Domingos de Lisboa, dos religiosos da Ordem dos Prégadores, de S. Domingos de Gusmão. Cruzeiro e fachada da portaria.....	94
S. Domingos de Bemfica, da ordem de religiosos dominicanos...	97
S. Francisco da Cidade, da ordem franciscana fundada por S. Francisco de Assis. Cabeça da Ordem; esta ordem dividiu-se em duas provincias, Portugal e Algarve; a Casa primaria da provincia do Algarve era em Xabregas.....	100
N. S. <sup>a</sup> das Portas do Ceu, ou Porta Coeli, em Telheiras, de franciscanos, na estrada esquerda do Campo Grande.....	103
S. João de Deus, da Ordem do mesmo nome quasi fronteiro a S. Franciseo de Paula, com frente para a estrada real de Belem, num páteo.....	109
Santa Maria de Belem, de monges de S. Jeronymo.....	109
Santo Antão abbade, de jesuitas.....	112
S. Roque, de jesuitas.....	115
N. S. <sup>a</sup> da Conceição do Real Collegio dos Nobres, entre a Patriarchal Queimada e o largo do Rato.....	118
Jesus Nazareno, dos religiosos da Ordem do Senhor Jesus Nazareno da Penitencia, na travessa dos Ladrões, quasi em frente do templo de inglezes protestantes.....	121
S. Francisco de Paula, da Ordem dos religiosos de S. Francisco de Paula, quasi fronteiro a S. João de Deus.....	124
SS. Sacramento, dos religiosos eremitas calçados de S. Paulo, ou Paulistas, na calçada do Combro.....	127
N. S. <sup>a</sup> da Conceição, dos Clerigos pobres, no largo do Passeio novo, de S. Pedro d'Alcantara.....	130
Igreja de S. Raphael Archanjo, da Ordem dos religiosos de S.	

Raphael, no principio de Alfama entre as parochias de S. João da Praça e S. Miguel de Alfama.....	133
Igreja de N. Senhora da Providencia, de Clerigos Regulares Theatinos, do glorioso S. Caetano, vulgo os Caetanos, perto dos inglesinhos.....	137
N. S. <sup>a</sup> de Jesus, da Terceira Ordem regular Serafica de S. Francisco de Assis, no largo de Jesus.....	139
N. S. <sup>a</sup> da Conceição dos freires da Ordem de Christo, vulgo Conceição a velha, na rua nova da Alfandega.....	142
SS. <sup>ma</sup> Trindade, e Redempção dos captivos, da ordem fundada por S. João da Matta e S. Felix de Valois, no Bairro Alto.	146
N. S. <sup>a</sup> do Livramento, da Ordem Trinitaria; perto da praça d'armas de Alcantara; pela rua do Livramento: é hospicio da ordem.....	148
Santa Maria de Jesus, de Xabregas, da ordem serafica da provincia dos Algarves, defronte do forte de Xabregas, contiguo á Madre de Deus.....	151

### Casas de religiosas em 1833

Santa Monica, de agostinhas calçadas; na travessa de Santa Monica, perto de S. Vicente de Fóra.....	156
N. S. <sup>a</sup> do Monte Olivete, de agostinhas descalças. Á beira mar, no Caes do Duque, perto do convento do Grillo.....	158
Convento de S. Diniz e N. <sup>a</sup> Senhora, de freiras bernardas, em Odivellas.....	161
N. S. <sup>a</sup> da Nazareth, de freiras bernardas, no fim da rua que vae da Esperança, e termina com o cunhal da mesma igreja...	164
S. Salvador de Sion, «do Mocambo» da ordem das religiosas inglesinhas, da fundação de Santa Brigida; na rua das Inglezinhas dentro de um pateo: fundado pelas religiosas inglesinhas que vieram de Inglaterra em 1594.....	167
N. S. <sup>a</sup> da Conceição de Marvilla, da ordem das religiosas de S. Brigida, de religiosas portuguezas. Na estrada de Marvilla, em direcção ao Poço do Bispo, por detraz do palacio do Patriarcha de Lisboa.....	170
Santos o Novo, de commendadeiras de S. Thiago da Espada, na continuação da estrada do Valle de Xabregas.....	173

- N. S.<sup>a</sup> da Encarnação, de commendadeiras da Ordem militar de S. Bento de Aviz, mandado edificar pela infanta D. Maria, filha d'elrei D. Manuel. No largo da Encarnação. . . . . 176
- Santo Alberto, de religiosas carmelitas descalças, ordem fundada por S. Alberto e reformada por S. Thereza de Jesus. Na rua das Janellas Verdes. . . . . 179
- SS. Coração de Jesus, da Estrella, carmelitas calçadas de S. Alberto, Fundação de D. Maria I. . . . . 182
- Santa Thereza de Carnide, de carmelitas de Santo Alberto. A sua casa primaria é em Lisboa, na egreja de N. S.<sup>a</sup> dos Remedios ás Janellas Verdes. . . . . 185
- N. S.<sup>a</sup> da Conceição dos Cardaes, na rua Formosa, de carmelitas descalços. Na rua Formosa junto ao palacio de Diogo Raton. . . . . 188
- N. S.<sup>a</sup> da Conceição, de Arroios, da Ordem da Conceição de Maria, fundada pela illustre portuguesa D. Brites da Silva, irman do Beato Amadeo, em 1484. Na estrada de Sacavem. Tem na porta da igreja as armas da rainha da Gram-Bretanha, D. Catharina de Bragança. . . . . 190
- Santa Martha, de religiosas franciscanas, claristas da primeira regra; em frente da igreja parochial do Coração de Jesus, junto do palacio do marquez de Borba. . . . . 193
- Santo Crucifixo, de religiosas capuchas, chamadas francezas, da primeira regra de Santa Clara. Na Calçada das francezinhas, cunhal do Caminho Novo, contiguo á cerca da Esperança. . . . . 196
- Santa Apollonia, da Ordem das religiosas da primeira regra de Santa Clara. Perto do forte de Santa Apollonia. . . . . 199
- S. Felix dos Martires de Chellas, de conegas regrantes de S. Agostinho, no fim do valle de Chellas. . . . . 202
- Salvador, de freiras dominicanas, no bairro de Alfama, perto de S. Thomé e de S. Estevam. . . . . 205
- SS. Sacramento, de dominicanas, no sitio de Alcantara. . . . . 208
- N. S.<sup>a</sup> do Bom Successo de religiosas dominicanas irlandezas, em Pedrouços. . . . . 211
- Santa Joanna, de religiosas dominicanas, na quinta de D. Alvaro de Castro, adiante de Santa Martha. . . . . 214
- N. S.<sup>a</sup> da Piedade da Esperança, de franciscanas. . . . . 217

Sant'Anna, de religiosas terceiras de S. Francisco, ao campo de Sant'Anna .....	220
Desagravo do SS. Sacramento, de franciscanas, perto da real igreja de Santa Engracia .....	223
N. S. <sup>a</sup> do Rosario, no sitio do Rego, de convertidas .....	226
N. S. <sup>a</sup> da Soledade, no sitio do Mocambo, de trinitarias ou trinas; da Ordem dos Trinos da SS. <sup>ma</sup> Trindade. Está no Mocambo, contiguo ao convento das religiosas de S. Bernardo, na rua que vae á Lapa .....	229
N. S. <sup>a</sup> dos Remedios, ao Rato, de Trinitarias da SS. <sup>ma</sup> Trindade, no largo do Rato, indo para o Arco Nobre da Mãe d'Agua .....	232
Visitação de Santa Maria, de religiosas de S. Francisco de Salles, ou Sallesias, no fim da Cordoaria .....	235
Madre de Deus, de franciscanas, na estrada do valle de Xabregas .....	238
N. S. <sup>a</sup> da Quietação, franciscanas, de religiosas flamengas, que vieram em 1582. Na rua do Calvario .....	241

### Terceiros

N. S. <sup>a</sup> do Carmo, de Terceiras do Carmo, visinho da igreja do Carmo .....	244
SS. Nome de Maria, igreja dos irmãos Terceiros de S. Francisco do Campo Grande .....	247
Terceiros da Penitencia, de N. S. <sup>a</sup> de Jesus. Da ordem dos Terceiros regulares de Jesus, junto da igreja do mesmo nome .....	250
Menino Deus, de Irmãos Terceiros de S. Francisco, em frente de Santo André .....	253

### Igrejas parochiaes de Lisboa em 1833.

N. S. <sup>a</sup> da Ajuda, perto do Paço Real .....	257
S. André; é das mais antigas da côrte .....	260
N. S. <sup>a</sup> dos Anjos .....	263
S. Bartholomeu .....	266
Santa Catharina .....	269
S. Christovão .....	272

N. S. <sup>a</sup> da Conceição.....	275
S. Cruz do Castello.....	278
SS. Coração de Jesus.....	281
N. S. <sup>a</sup> da Encarnação.....	284
S. Engracia.....	287
S. Estevão.....	290
S. João da Praça.....	293
S. Jorge em Arroios e o seu cruzeiro.....	296
S. Jozé.....	299
Santa Isabel.....	302
S. Julião.....	305
Santa Justa.....	308
S. Lourenço.....	311
N. S. <sup>a</sup> da Lapa.....	314
S. Mamede.....	317
Santa Maria Maior.....	320
Santa Maria Magdalena.....	323
S. Marinha d'Outeiro de Lisboa.....	326
S. Martinho.....	329
N. S. <sup>a</sup> dos Martires.....	332
N. S. <sup>a</sup> das Mercês.....	335
S. Miguel d'Alfama.....	337
S. Nicolau.....	340
S. Paulo.....	343
S. Pedro, no principio da Tapáda.....	346
N. S. da Pena ao campo de Sant'Anna.....	349
SS. Sacramento.....	352
Salvador, em Alfama.....	355
Santos, o velho.....	358
S. Sebastião.....	361
Socorro.....	364
S. Thiago.....	367
S. Thomé.....	370
S. Vicente.....	373
Mappa estatistico das egrejas de Lisboa.....	376
Templos e casas, vendidos ou destruidos.....	376 v.

## A GRAVURA EM PORTUGAL

### Breves apontamentos para a sua historia

A historia da gravura em Portugal encontra-se embryonaria na *Collecção de memorias* de Cyrillo Volkmar Machado e na *Lista de alguns artistas* do patriarcha D. Fr. Francisco de S. Luiz (Cardeal Saraiva). Rodrigo Vicente d'Almeida colheu, durante annos, numerosos subsidios, que andava coordenando para dar ao prelo, quando a morte o surpreendeu. A Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro trata de preencher a lacuna, e muito grato lhe deve ser o nosso paiz, pela publicação do catalogo dos retratos colligidos por Diogo Barbosa Machado, catalogo que abrange não menos de 1.980 numeros. E, como se isto não bastasse, a mesma Bibliotheca, por intermedio de alguns dos seus intelligentes funcionarios, está dando a lista das produções dos gravadores, iniciando a serie por Debrie.

A nossa Academia de Bellas Artes possui uma valiosissima colleção de gravuras, as quaes, ascendendo a 4.000, estavam até ha pouco a monte, sem que pudessem ser consultadas pelos estudiosos. O sr. Luciano Freire, secretario da mesma corporação, deu-se ao improbo trabalho de as catalogar, e quando esse catalogo se imprima, de certo se encontrará nelle um inapreciavel thesouro de informações.

No *Jornal do Commercio*, n.º 11.428 de quarta-feira, 6 de Janeiro de 1892, publiquei um artigo, que transcrevo agora aqui, com algumas correções e additamentos, o qual fórma o 1.º paragrapho ou capitulo destes ligeiros estudos, que não têm outro merecimento senão o de serem uma pequena contribuição para a historia da gravura em Portugal. As minhas circumstancias não me deixam aprofundar nem proseguir, quanto desejava, este modestissimo trabalho, que, oxalá, possa ainda assim offerecer alguma novidade ou indicação curiosa.

#### I

Tanto em Portugal como em Hespanha, grande numero de livros do seculo XVI apparecem ornamentados de gravuras, que julgo na

maioria dos casos, de procedencia estranha, tão estranha como a arte typographica. Os primeiros typographos que exerceram a arte em Portugal foram estrangeiros e entre elles torna-se notavel, pelo extenso periodo em que manifestou a sua actividade, e pelo grande numero de obras que imprimiu, Germão Galharde, francez. Muitos livros deste impressor são adornados de estampas e outros têm tarjas em que se lê o seu nome. Estou persuadido que quasi todas ellas vieram de fóra do reino, havendo todavia algumas que seriam gravadas em Portugal. Assim neste caso parece-me estar o frontispicio da *Ley que dispõ quanto tẽpo e onde hão de estudar os letrados*, impressa a 18 de janeiro de 1539. Numa das pilastras do portico estão as iniciaes F. D. que indicam por certo o nome do gravador, e na outra a data 1534. Este frontispicio, porém, já fôra empregado anteriormente nas *Constituições do bispado Devora*, impressas em 1534, para as quaes, sem duvida, fôra originariamente destinado.

Existe outro livro, impresso por Germão Galharde, que deve merecer toda a attenção, não só pelo seu valor historico e linguistico, mas ainda pelo seu valor bibliographico e artistico: é a *Coronica do Condestabre de Portugal*, de que ha duas impressões do mesmo typographo, uma de 1526, outra de 1554. Tanto uma como outra têm no verso do frontispicio a figura, de corpo inteiro, dum cavalleiro, que, Innocencio, não sei com que fundamento, diz ser de Nuno Alvares Pereira. Parece-me comtudo de phantasia. A segunda impressão contém, além d'aquella, outra gravura, que se encontra no fim da obra, antes da *Tauoada*, que está nos quatro ultimos folios innumerados. Bella estampa, que merecia ser reproduzida integralmente, com todo o eserupulo e fidelidade, como um dos mais importantes documentos da iconographia portugueza. Esta é que é muito possivel que fôsse executada em Portugal. No alto lê-se o seguinte distico:

*Esta he a figura do Conde estabre, ao natvral, quando estava em religiam, no Carmo de Lisboa, onde jaz.*

Pela parte inferior.

*Epitaphius ad ipsius tmvlum.*

Galharde publicou tambem em 1530 um livro classificado entre os de cavallaria, e que foi traduzido do francez em hespanhol por um nosso compatriota, rei d'armas de D. João III, Antonio Rodrigues Portugal. Intitula-se *Cronica llamada: el triumpho de los nueve preciados de la fama*, etc., e é adornado de gravuras representando os heroes

biographados no livro, entre os quaes Bertran du Guesclin, o celebre aventureiro frances, que tão notavel papel desempenhou em Hespanha nas guerras fratricidas de Pedro o Cruel e D. Henrique.

Um gravador de innegavel merecimento do seculo xvi é Jeronymo Luis, que abriu o elegante frontispicio do *Sucesso do segundo cerco de Diu*, poema de Jeronymo Côrte Real, e o da *Historia da provincia de Sãcta Cruz*, em que deixou apenas as suas iniciaes. Ambos os livros são impressos por Antonio Gonçalves, o typographo que teve a honra de primeiro estampar os *Lusiadas*. Noutra obra d'este imprimidor, o *De Rebus Emanuelis*, de Jeronymo Osorio, ha um escudo de armas, que tem d'um lado a letra A e do outro um G, iniciaes do typographo.

Citarei agora alguns livros, impressos em Portugal, de autores hespanhoes, os quaes todos se acham adornados com retratos. Um delles, o mais antigo, é a *Chronographia o reportorio de los tiempos*, de Jeronymo de Chaves, considerado infundadamente por alguns bibliographos como portuguez. Imprimiu-a em 1576 Antonio Ribeiro, em Lisboa, e no frontispicio acha-se, numa gravura oval de madeira, o retrato do autor, semelhante a outro que se encontra numa das edições hespanholas.

A volumosa obra poetica de Bartolomé Cayrasco de Figueroa, *Templo militante Flos sanctorum* . . . foi elegantemente reimpressa em Lisboa, em folio, por Pedro Craesbeeck. A 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> partes compreendendo 531 pag. tem o titulo enquadrado por 14 vinhetas representando scenas da vida de Christo e os quatro evangelistas. A data nelle exarada é de 1613, ao passo que no fim se lê 1612. No verso da parte inferior da ultima das 6 folhas preliminares innumeradas incluindo o frontispicio, ha o retrato de Cayrasco de Figueroa em moldura circular muito semelhante ao da edição hespanhola, que Salvá reproduz. Tanto deste retrato como do antecedente, ter-se-iam aproveitado as chapas originaes, ou sómente os desenhos?

Na Bibliotheca Nacional de Lisboa encontrei o exemplar de uma obra, que até hoje tem passado completamente desconhecida, in titulada: *Tratado como se deven formar los quatro esquadrones, en que milita nuestra nacion Espanola*. É seu autor o capitão de infantaria Juan de Carrion Pardo, que a dedicou a D. João da Silva, conde de Portalegre. Foi impressa em 1595, em Lisboa, por Antonio Alvares. Traz dois retratos em busto (repetidos ambos) de militares, um dos quaes, o mais apparatuso, talvez seja o do conde de Portalegre, e

o outro do autor. Não trazem indicações de quem os desenhasse e esculpisse.

O outro livro, finalmente, é de Francisco de Arce, intitulado *Fiestas reales de Lisboa*, e foi impresso nesta cidade em 1619 por Jorge Rodrigues. É um folheto em 4.º de 26 paginas innumeradas, de que a Bibliotheca Nacional de Lisboa possui um exemplar incompleto. Acompanha-o um retrato em que se lê este distico: *En los cuarenta años de mi edad el famoso Enrique me fecit*. Este retrato falta também no exemplar alludido e soube da sua existencia pela descripção que nos dá Gallardo no *Ensayo de una biblioteca* sob o n.º 233. O mesmo bibliographo nos descreve ainda outra obra de Francisco de Arce intitulada *La perla en el nuevo mapa mundi hispanico*, etc., impressa em Madrid por Juan Gonzalez em 1624, a qual traz igualmente o retrato do autor com esta legenda: *Portugal me copió en bronce año 1629 en los 40 de mi edad*. Deve haver erro de data, sendo 1619 e não 1629.

Combinando as legendas dos dois retratos, sou levado a crer que o gravador pertenceria á nacionalidade portugueza, ou era, pelo menos, artista que residia em Portugal. Quem seria, portanto, esse famoso Henrique, de cuja obra Francisco de Arce se mostrava orgulhoso? Eis ahí mais um artista desconhecido como tantos outros, de que não se encontra menção ou referencia nos tratadistas de arte portugueza.

Não admira, porém, que assim aconteça, porque a mina apenas tem sido explorada á superficie. Aqui temos outro artista, incontestavelmente portuguez, e que passou incognito aos seus compatriotas. É possível que elle exercesse a maior parte da sua actividade no estrangeiro, mas isso não nos salva do labéo de ingratição e esquecimento em que o temos deixado jazer. Chama-se elle Luiz Palma e apenas no *Dictionary of Painters*, de Michael Bryant, encontrei os seguintes traços, que bem pouco esclarecem a sua biographia:

— PALMA LUDOVICO, a portrait painter and engraver, of Volterra, noticed by Zany as living in 1650. There are eight etchings and a frontispiece to a work, in quarto, printed at Avignon in 1623, with the following title:

«*La voye de Lait ou le chemin des Heros au palais de gloire à l'entrée triomphante de Louis XIII en la cité d'Avignon, 1622.*»

The prints are inscribed: PALMA LUDOVICUS LUSITANUS F.—

Esta inscripção parece que não deveria deixar a menor duvida a Bryant sobre a naturalidade do nosso artista, que elle identificou com outro, homonymo, de Volterra. Consultando Zani para poder resolver as duvidas que se me offereciam e para averiguar se o pintor e gravador de Volterra seria uma entidade absolutamente differente, vi que a indicação do escriptor italiano é o mais secca possivel e deixou-me no mesmo estado de incerteza. Trabalharia o nosso artista em Volterra, e seria por isso considerado italiano? É uma simples hypothese, que póde muito bem ser que venha a confirmar-se, e quando não se confirme, é curiosa a coexistencia ou quasi coexistencia de dois artistas do mesmo nome, pois não repugna que o gravador de 1622 vivesse ainda em 1650.

O meu amigo e distincto bibliographo sr. Annibal Fernandes Thomaz, possui um exemplar da *Voie de Laict*, e a este proposito escreveu-me ha tempos o seguinte:

«Tenho á vista *La Voie de Laict*, Avignon, 1623, 4.º, em que as estampas, incluindo um retrato de Luiz XIII, são assignadas:

Ludovicus Palma Lusitanus fecit.

Ludovicus palma Lusitanus f.

O livro tem dois frontispicios, um gravado a agua forte, com o titulo impresso no centro e outro impresso. Nesse anno era Assessor em Avinhão mr. Pierre Joseph do Salvador, que indica origem portugueza ou hespanhola. É curioso debaixo do ponto de vista artistico, e bem merecia uma noticia.»

A *Voie de Laict* é bastante rara e não a vejo mencionada em Brunet. No entanto tenho-a encontrado descripta em diversos catalogos de vendas de livrarias francesas e inglesas. A descripção em todos parece uniforme, e só no da livraria de M. Martial Millet, Paris, 1872, é que, por lapso de certo, se designa 1622 como o anno da impressão.

O sr. Damascene Morgand, livreiro de Paris, no seu catalogo relativo a junho de 1889, punha á venda um exemplar por 200 francos, annotando-o d'este modo:

«Ce volume fort rare et orné d'un frontispice est de huit planches fort remarquables gravées à l'eau forte par *Louis Palma*, artiste portugais. Ces planches qui se déplient représentent les arcs de triom-

phe, fontaine, palais, etc., élevés pour la cérémonie dans la ville d'Avignon.

«Portraits de Louis XIII et de Ch. de l'Aubepine, par Moncornet.»

Num catalogo de livros de valor, propriedade d'um *gentleman*, postos á venda em Londres, em dezembro de 1890, por intermedio de Sotheby, Wilkinson & Hodge, vem descripto outro exemplar sob o n.º 116 do respectivo catalogo. A respeito das gravuras diz: *Portrait and large plates etched by Louis Palma, an artist unknown to Nagleor*. Acrescenta que a obra passou desconhecida a Brunet e Grasse, e que um exemplar da livraria Beckford fôra vendido por 53 libras e 10 shellings.

No n.º 237 do *Catalogue de livres rares et précieux composant la Bibliothèque de M. Hippolyte Destailleur, architecte du gouvernement*, Paris, Damascene Morgand, 1891, vem descripto outro exemplar. Ahi se annota:

«Ce volume fort rare est orné d'un frontispice, d'un portrait, et de huit grandes planches fort remarquables gravées à l'eau forte par Louis Palma, artiste portugais.»

Por todas estas citações se vê que o trabalho do nosso artista é geral e altamente considerado, bem merecendo o seu autor que lhe ponham o nome em relevo e o tirem do esquecimento em que até agora tem vivido.

Outro artista desconhecido, e que se nos afigura de grande merecimento, é o autor de um bello retrato de Diogo do Couto, que ornamenta a edição em folio das suas *Decadas*, publicada em 1736. Parece uma photogravura.

O exemplar onde vem este retrato pertence á selecta livraria que é hoje dos filhos do venerando juiz do Supremo Tribunal, o dr. Aguiar, bibliophilo apaixonado, como o seu parente conde de Azevedo, ambos fallecidos. É em papel especial, e ainda não se me deparou outro que se lhe possa comparar. Não sei tambem de nenhum que tenha aquella gravura.

O retrato parece-me de phantasia, muito differente do que vem na primeira edição das *Decadas*, que foi reproduzido no Catalogo de Salvá e ultimamente, em estampa separada, no *Circulo Camoneano*.

O historiador português é representado muito mais moço. O retrato não valerá, pela similhaça, como documento historico; mas, pelo primor da execução, valerá como notavel documento artistico. Está assinado, numa letra miudinha, quasi microscopica, e, a legenda diz o seguinte: *L. P. Massilli Vlyssip. Sculp. 1722.*

Será este Massilli português ou estrangeiro? Que significará aquelle *Vlyssip*? Que elle era lisbonense ou que executára a sua obra em Lisboa? Eis uma serie de perguntas, que surgiram, como era natural, no meu espirito, e a que me não julgo por emquanto habilitado a responder satisfatoriamente.

A proposito do famoso *Henrique* que gravou o retrato de Francisco de Arce, citei o testemunho de Gallardo; chamarei outra vez a terreiro o autor do *Ensayo de una biblioteca hespanhola de libros raros y curiosos*. Sob o n.º 2881 descreve elle uma obra de fr. Pedro de Maldonado, *Consuelo de justos*, impresso em Lisboa por Pedro Craesbeek, em 1600.

Esta obra, de que existe um exemplar na Real Bibliotheca da Ajuda, é muito interessante, ainda que não seja senão pela dedicatória, em que se trata amplamente da vida e feitos de Mathias de Albuquerque.

O frontispicio d'este livro é lindamente gravado, segundo affirma o douto bibliographo hespanhol, que o descreve d'este modo:

«El frontis está letra y adornos dibujado y abierto com primor y delicadeza. El nombre del artista aparece al pie en letra gallarda, aunque casi microscopica: *Antonius Pintor Lusitanus exculp.*»

Aqui ha um ligeiro lapso. Em vez de Pintor deve lêr-se Pinto, e o artista é indubitavelmente o mesmo que gravou em cobre o frontispicio da Historia do insigne apparecimento de Nossa Senhora da Luz, de fr. Roque do Soveral, impresso em 1610, em Lisboa, pelo mesmo typographo que imprimiu o *Consuelo de Justos*. Esta estampa é assim rubricada: *Antonio Pinto Lusitano exculp.*

Fr. Pedro Maldonado, natural de Sevilha, era da ordem de Santo Agostinho, e residia no Convento da Graça em Lisboa. Nesta cidade publicou mais alguns livros, entre os quaes um, *Traça e exercicios de um oratorio*, impresso em 1609 por Jorge Rodrigues. O frontispicio todo gravado em chapa inteiriça de cobre a talho doce, foi feito expressamente para a obra, e traz ao centro um bonito medalhão com emblemas religiosos. Não apresenta o nome do artista ou artistas que o executaram.

## II

A gravura é uma das artes em que mais abunda o elemento estrangeiro, como facilmente se pôde verificar, percorrendo o Indice de gravadores do *Catalogo dos retratos collegidos por Diogo Barbosa Machado*, coordenado pelo sr. dr. José Zephyrino de Meneses Brum e publicado primitivamente nos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, de que se fez uma tiragem em separado, em oito tomos ou fasciculos, o primeiro dos quaes impresso em 1893 e o ultimo em 1905.

No reinado de D. João v veio para Portugal uma colonia de gravadores, quasi todos franceses, cujos trabalhos se observam em grande numero de obras publicadas naquella epoca, em que D. João v poz o sello da sua magnificencia.

No reinado de D. João vi foi attrahido de Londres a Lisboa, por convite do nosso governo, para dirigir a aula de gravura, annexa á Impressão Regia, o celebrado artista italiano Francisco Bartolozzi, de quem foram discipulos alguns gravadores de merecimento, como Gregorio Fernandes de Queiroz.

Antigamente eram muito vulgares os livros com frontispicios gravados, os quaes se pôdem dividir em duas especies: uns formados por vinhetas soltas, que se podiam adaptar a diversas obras; outros feitos expressamente para uma só. A portada da primeira edição dos *Lusíadas* repete-se em outros livros. Estas vinhetas eram geralmente de procedencia italiana, como se deduz do confronto entre obras publicadas nos dois paizes.

No seculo xvii, sobre tudo no dominio filippino, alguns gravadores, que exerciam a sua actividade em Hespanha, apparecem a rubricar com seus nomes, obras impressas em Portugal ou relativas ao nosso paiz, e o mais curioso é que quasi todos são flamengos. É possível que alguns delles estivessem aqui de passagem, e até chegassem a estabelecer residencia temporaria, mas o mais provavel é que elles executassem em Madrid as encomendas que de cá lhe faziam os livreiros e autores.

Mencionarei agora alguns desses artistas, apontando os seus traços biographicos, assim como os trabalhos por elles executados, de que até agora obtive noticia.

a) *João Schorquens.*

Natural de Flandres e um dos melhores gravadores do seu tempo. Residiu em Madrid, onde entre os annos de 1618 a 1630, executou diversos trabalhos, de que Cean Bermudes faz uma resenha no tomo 4.º do seu *Diccionario historico de los mas illustres profesores de bellas artes en Espana*, impresso em Madrid em seis volumes no anno de 1800.

Diz o autor hespanhol que onde o buril de Schorquens mais se esmerou, foi nas estampas da obra de João Baptista Lavanha, *Viagem da Catholica Real Magestade d'el-rei D. Philippe II . . . ao reino de Portugal*, impresso em Madrid em 1622, em duas edições, sendo uma em portuguez e outra em hespanhol. Além das vistas dos arcos triumphaes, traz outra em maior formato, desenhada pelo nosso compatriota, o pintor Domingos Vieira Serrão, representando Lisboa e o Tejo.

Cean Bermudes não teve noticia do retrato de D. Frei Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga, que vem na sua *Vida*, escripta por frei Luis de Sousa e impressa em Vianna em 1619.

No catalogo descriptivo da collecção de retratos de Barbosa Machado, existente na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, ha tres numeros referentes a Schorquens.

O n.º 4 é uma arvore genealogica dos reis de Portugal, que se encontra na obra de Lavanha.

O n.º 621 é o frontispicio da primeira e terceira parte da *Historia da Ordem de S. Domingos* de Frei Luis de Sousa, o qual foi aproveitado por Barbosa, por ter cinco figuras de santos da Ordem.

O n.º 1609 é o retrato de Diogo Garcia de Paredes, extrahido da obra de Thomaz Tamaio de Vargas, *Diogo Garcia de Paredes, y su tiempo*.

b) *João de Courbes.*

Francês e residente em Madrid, onde executou numerosos trabalhos, de parte dos quaes Cean Bermudes faz menção no seu *Diccionario*. Além das obras apontadas, pelo academico hespanhol possui a seguinte:

*Vida de la bienaventurada Ritta de Casia religiosa del Ordem de S.ª Aug.ª en el monasterio de S.ª Magdalena de la Ciudad de Casia en la Vmbria. A la Ex.ªª S. D. Ana Maria de Portugal y Borja Princesa de Melito e Duquesa de Pastrana. Por Frey Alonso de Aragon*

y Borja su sobrino Predicador y Colegial del Orden de S.<sup>t</sup> Augustin en el que fundo la Ill.<sup>ma</sup> Senora D. Maria de Cordoua y Aragon. En Madrid. Por la viuda de Luis Sanches Impressora del Reyno. Año. 1628.

Este titulo acha-se num frontispicio gravado, o qual representa um portico, ricamente ornamentado, tendo em cada uma das columnas uma figura de mulher, de corpo inteiro. A da direita representa *D. Maria de la Cerda hija de la Cassa de Medina Celi* etc., a da esquerda *D. Maria de Aragon hija del Rey catolico Fernando*, etc. Depois das licenças e censuras vem o retrato, em pagina inteira, da B. Ritta de Casia, etc.

No *Catalogo* descriptivo da collecção Barbosa Machado ha três numeros referentes a Courbes.

O n.º 880 é o retrato de D. Sebastião de Matos e Noronha, bispo de Elvas, e de mais quatro seus antecessores no frontispicio das *Constituições* ordenadas por aquelle prelado, e impressas em Lisboa em 1635.

Os n.ºs 1857 e 1862, são os retratos de Filipe Sidney e de sua mulher.

A actividade de Courbes exerceu-se, pelas notas que tenho, entre 1621 e 1635.

#### c) *Pedro Perret.*

Cean Bermudes diz que elle era natural dos Paizes Baixos, onde nascera depois do meiado do seculo XVI; que estudára em Roma com Cornelio Cört e que, restituindo-se á patria em annos adeantados, fôra gravador do duque de Baviera e do eleitor de Colonia, fixando a sua residencia em Anvers. Nesta cidade gravou para Filippe II dez grandes laminas, representando o Escorial e suas diversas partes. Agradaram tanto a el-rei que mandou vir o artista a Madrid, nomeando-o, a 22 de dezembro de 1595, seu gravador com o ordenado de cem ducados por anno, pagando-se-lhe á parte as obras que fizesse em seu serviço. Falleceu em Madrid pouco depois do anno de 1637.

Bermudes cita muitas das obras, que elle executou em Hespanha, sendo a primeira o retrato de Santo Ignacio de Loyola. Acrescenta que são muito estimadas as estampas que fizera antes de vir para Madrid e de que cita algumas. Não se refere, porém, a nenhuma de assumpto português. Destas passarei a dar conta:

Por encommenda de Manuel de Sousa Coutinho, que, professando

na religião de S. Domingos, tomou o nome de Fr. Luis de Sousa, fez o retrato de Fr. Luis de Sotto-Mayor, celebrado professor de theologia e commentador da Biblia. A este facto se refere o proprio Fr. Luis de Sousa no capitulo XVII, do livro 2.º da *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*. No retrato exarou-se um elogio latino, certamente composto pelo chronista dominicano e que este transcreve na obra citada com a traducção portugueza, que é do theor seguinte:

«Este retrato em lugar de estatua fez esculpir em bronze Manuel de Sousa Coutinho, em honra e memoria de Fr. Luis de Sotto-Mayor, da Ordem dos Fregadores, lente jubilado das sagradas escripturas na Universidade de Coimbra em idade de 76 anno e o mais celebre Doutor n'ellas de todos os do seu tempo, que juntando com a nobresa do sangue, doutrina, piedade religião e todos os mais arreyos de virtudes, faz duvidar em qual seja mais insigne; e foy o fim assi pera que o amigo, a quem se acha obrigado e que por meio dos seus divinos escriptos, como com asas vóa por todas as terras da Europa e Asia, chegue por conhecimento do rosto aonde por fama teem chegado; como tambem para alegrar a vista com o mesmo objecto que traz dentro n'alma e desejoso de o faser competir com a eternidade. Fez a obra Pedro Pereto, esculptor de El-rei no anno de 1602».

Este retrato acha-se descripto sob o numero 922, no *Catalogo* da collecção Barbosa Machado. Ha de Perret mais os seguintes retratos: «Diogo de Paiva d'Andrade.—É subscripto simplesmente com as iniciaes do gravador, P. P., e vem no tomo 1.º dos seus *Sermões*, impressos porthumos em Lisboa por Pedro Craesbeack em 1603.»

«Dr. Ambrosio Nunes.—Tem a seguinte subscripção: *Petrus Perret. fe.* Encontra-se na obra impressa em Coimbra em 1603, sob o titulo de: *Ennarrationes in priores tres libros Aphorismarum Hypocratis*» O retrato foi feito em 1602, quando o retratado contava 73 annos de idade.

«Diogo do Couto—Tem a seguinte subscripção: *P. Perret fecit. 1602.* Conjectura o auctor do *Catalogo* da Collecção Barbosa Machado que talvez seja extrahido da *Decada quarta*, impressa em Lisboa em 1602.»

«Fr. Bernardo de Brito—Tem a seguinte inscripção: *Effigies ad vivum Fr. Bernardi de Brito, ætatis suæ anno 33 P. Perret scaltor (sic) Regis fe:*»

Fr. Bernardo de Brito fez mais de uma viagem a Madrid e n'uma d'essas occasiões se deixava retratar ao vivo por Perret, e a sua effigie

encontra-se na *Primeira Parte da Chronica de Cister*, impressas em Lisboa por Pedro Craesbeack em 1602.

«D. Nuno Alvares Pereira—É rubricado simplesmente com estas iniciaes P. P. f.»

Na livraria da Torre do Tombo existe uma obra de Antonio Suarez de Alarcon, intitulada: *Comentarios de los hechos del señor Alarcon, marqves de la Valle Siciliana y de Renda*—por D. A. S. de A. hijo del Marques de Torcifal. Madrid Diego Dias de la Carrera 1665. E nella vem um excellente retrato de D. Hernando de Alarcon, assim subscripto: *Ex Titiani Archetypo—Peret esculpsit.*

d) *João Noort ou Van Noort.*

Era natural de Flandres, e veio para Madrid, onde gravou, com mais delicadeza de buril que boas fórmãs de desenho, varias portadas de livros, retratos e santos. Estas são as palavras com que Cean Bermudes inicia o artigo que lhe diz respeito, passando depois a enumerar algumas obras executadas entre 1628 e 1652.

Não menciona, porém, as seguintes:

Dois retratos de D. Filippe III de Portugal, descriptos no Catalogo da collecção Barbosa Machado sob os n.<sup>os</sup> 425 e 426.

Retrato de D. Frei Bartholomeu dos Martyres, o qual tem na margem inferior: 1.<sup>o</sup> DON FRAY BARTOLOME DE LOS MARTIRES de la Orden de S. Domingos Arçobispo y Señor de Braga insigne en dotrina y Santidad. Murio a 16 de Julio de 1590 a los 76 años de su edad. 2.<sup>o</sup> JOAN DE NOORT F.

Este retrato acompanha uma biographia em hespanhol do eminenté prelado bracarense, sacada de diversos autores por Luis Muños, e publicada em Madrid em 1646. O que vem na sua *Vida*, escripta por Fr. Luis de Sousa, foi gravado por Schorquens, como já fica dito.

Retrato de Manuel de Faria e Sousa, tendo na margem inferior os seguintes dizeres: D. FR. DE LA REGUERA Y SERNA DELIN. I. DE NOORT F.

Este retrato acha-se descripto sob o numero 948 do *Catalogo* da collecção Barbosa Machado, onde se diz que é copia de outro descripto sob o numero 952, o que é completo equivoco, pois o inverso é que é verdade. O primeiro adorna a obra de D. Francisco Moreno Porcel, intitulada *Retrato de Manuel de Faria y Sousa, relacion de su vida y catalogo de sus escriptos*, impressa em Madrid em 1650. O des-

cripto sob o numero 952 acha-se na segunda edição desta mesma obra e é gravado por Bernardo Fernandes Gayo, que floresceu um seculo depois de Noort.

Numa obra de Faria e Sousa, impressa em Madrid em 1650, sob o titulo de *El gran justicia de Aragõ Don Martin Batista de Lanuza*, vem o retrato deste, rubricado com o monogramma de Noort. Descripto sob o numero 1646 no *Catalogo* da collecção Barbosa Machado.

e) *Pedro de Villa Franca de Malagon.*

Reproduzo do Diccionario de Cean Bermudes os seguintes traços graphicos que lhe consagra:

«Gravadôr de laminas e pintor. Nasceu na villa de Alcolêa, na Mancha, perto de Calatrava e aprendeu a arte da pintura em Madrid com Vicencio Carducho. Adeantado no desenho, dedicou-se a gravar a buril com grandes progressos naquella epoca, em que esta arte não estava muito adeantada em Hespanha. Tornou-se notavel a sua habilidade no anno de 1640 com a portada do livro *Vida y hechos del gran condestable de Portugal D. Nuno Alvares Pereyra*, de Rodrigo Mendes de Silva, que representa um frontispicio com o escudo d'armas de Mendez de Haro: em 49. com o retrato de José Casanova, mestre de primeiras letras, acompanhado de creanças escrevendo, de anjos com escudos e de outras figuras; e em fim com outras obras que o acreditaram a tal ponto, que Philippe IV o nomeou seu gravador de camara por cedula de 8 de dezembro de 1654 com o mesmo ordenado de cem ducados que tinha tido Pedro Perret».

Continua citando outras obras, deixando de referir mais por que, diz elle, seria prolixo enumeral-as.

A *Vida y hechos del gran condestable*, além da portada, tem tambem dois retratos, sendo um do condestavel e outro do autor da obra gravados pelo mesmo Villa Franca, o qual se acha descripto sob o numero 955 do *Catalogo* da collecção Barbosa Machado, e ali se faz referencia a outro estado da mesma estampa. Salvá ao descrever esta obra sob o n.º 3475 do seu catalogo, indica apenas o primeiro retrato.

Ha mais os seguintes gravados por Villa Franca, relativos a individualidades portuguezas:

Retrato de S. João de Deus, tendo a seguinte subscripção: *Petrus de Villafranca sculptor Regius sculp. Matriti 1658.*

Retrato de Luis de Camões gravado em 1639 e que se encontra

na obra de Faria e Sousa, *Lusiadas de Luis de Camoens...* *Commentados...* impressos em Madrid no mesmo anno.

Retrato de Faria e Sousa na mesma obra.

Retrato de Fr. Feliciano de Sousa Diniz, gravado em 1642. O retratado, religioso de Santo Agostinho no real convento de S. Filippe de Madrid, era sem duvida portuguez, como o indica o nome, e por se achar na collecção Barbosa Machado, em cujo *Catalogo* vem descripto sob o numero 942.

D. Martim Soares de Alarcon, extrahido da *Corona sepulcral, Elogios en la muerte de D. M. S. de A...* *escritos por diferentes plumas. Sacados a luz por Don Alonso de Alarcon...* Madrid 1652.

O frontispicio desta obra é tambem gravado pelo mesmo artista que subscrive da seguinte maneira:—*Petrus de Villa Franca inuent et sculp, Matriti 1652.*

f) *Vorstermans (Lucas).*

Fr. Francisco de S. Luis incluiu na sua lista, dando d'elle uns breves apontamentos biographicos extrahidos do *Dictionnaire d'Architecture* etc. de C. F. Roland de Virloys, Paris 1770.

Parece não ter conhecido senão um artista deste nome, quando houve pae e filho. Do *Biographical and critical dictionary of painters and engravers*, de Michael Bryant publicado em 1858, extrairéi os seguintes apontamentos biographicos relativos a um e outro:

*Lucas Vorstermans, senior.*—Este eminente gravador nasceu em Autuerpia cerca de 1580 e estudou primeiro pintura na grande escola de Rubens; mas depois, aconselhado pelo seu illustre preceptor, consagrou-se inteiramente á gravura. Nenhum pintor teve a satisfação de ver tão grande numero das suas melhores obras, tão perfeitamente gravadas como Rubens. Rodeado de artistas de superior habilidade, que trabalharam immediatamente sob as suas vistas e que tiveram a vantagem da sua assistencia e dos seus conselhos, foi por este modo, que conseguiu imprimir a belleza e excellencia nas suas gravuras. D'elles nenhum gravou successivamente mais obras de Rubens do que Lucas Vorstermans. A sua maneira de gravar é correcta, e as suas cabeças são dotadas de muita expressão. As suas laminas são executadas inteiramente com o buril, que manejava com grande facilidade, comquanto fosse muitas vezes mais attento ao effeito geral do que á nitidez e regularidade da execução; e nas suas melhores estampas transcreveu

com uma fidelidade surprehendente a vida e o espirito das pinturas originaes. A sua estampa da Adoração dos Magos, de Rubens, é considerada uma das mais bellas produções da arte. Visitou a Inglaterra no reinado de Carlos I, residindo alli «8 annos, de 1623 a 1631», tendo trabalhado para o monarcha e para o Conde de Arundel. Vos-terman assignava usualmente com o seu nome, e algumas vezes usou a cifra seguinte VL.

Lucas Vorstermans, junior—Foi filho do anterior e nasceu em Antuerpia pelos annos de 1605. Comquanto tivesse a fortuna de ter tido as lições de seu pae, as suas gravuras são realmente inferiores, a todos os respeitoos, ás do velho Vorstermans, e nunca passou da mediocridade.

S. Luis cita duas obras impressas em Lisboa, cujos assumptos foram executados pelo buril de Vorstermans. Uma dellas é a *Harmonia scripturae Divinae, emodulans actiones laudabiles, vel vituperabiles virorum, ac feminarum, Antiquo, aut Novo relatos Testamento...*, do jesuita Diogo Lopes, natural de Beringel, doutor em theologia e professor na Universidade de Evora.

O livro saiu dos prelos de Lourenço de Anvers, em Lisboa, no anno de 1646. O anterosto tem nos angulos inferior, á direita: *Lucas Vorstermans inventor et sculpt.*; e á esquerda: *Anno MDCXXXVI*.

Diogo Lopes vem incluído no Diccionario Bibliographico, de Innocencio, que todavia só cita delle um *Sermão* em portuguez, deixando de enumerar, segundo o plano adoptado, as obras em latim.

A outra obra é a *Chronica da Companhia de Jesus*, de Balthasar Telles impressa em Lisboa, por Paulo Craesbeeck em 1645—47. O anterosto do 1.º volume tem esta subscripção: *Lucas Vorstermans, inventor, et sculptio. Ulyssipone, ex typograph. Pauli Craesbeeck, an. 1645*. O do 2.º é de buril differente e muito superior ao primeiro, tendo a seguinte subscripção: *Gr. Huret f.*

Daquella subscripção não se deve deduzir necessariamente que Vorstermans trabalhasse em Lisboa. A sua collaboração nas obras impressas por Paulo Craesbeeck e Lourenço de Anvers explica-se naturalmente por serem patricios, os typographos e o artista.

As estampas de Lucas Vorstermans ora são assignadas com este nome unicamente, ora com mais o appellido *senior*, o que serve para o distinguir do filho. No *Catalogo* da collecção dos retratos de Barbosa

Machado, vem attribuido um de André dos Santos a Lucas Vorstermans Junior. Esta asserção não é todavia fundada em bases solidas, porquanto a gravura tem as margens aparadas e apenas se lê por letra manuscrita esta indicação: *Luc. Wostermans. f. de. L. Wort. o abrio em Lix.<sup>a</sup>*

Eis um ponto, que julgo problematico e digno de ser esclarecido. Consulte-se o n.º 1980 do referido *Catalogo*.

Na supracitada collecção ha muitas gravuras de Vorstermans: o retrato de D. Duarte (n.º 479) e o do P.º Antonio da Conceição, proveniente da obra: *Extracto dos processos... sobre a vida e morte do veneravel P.º Antonio da Conceição... ordenado pelo P.º Fr. Luis de Mertola. Lisboa. 1647. (n.º 797).*

Retrato de D. João de Castro, o qual ornamenta a vida deste heroe por Jacintho Freire de Andrade, impressa em Lisboa em 1651. (n.º 1222).

Os demais retratos são de estrangeiros: João Van Mildert (n.º 1506); Justo Lipsio (n.º 1628); Thomaz Morus (n.º 1825); Octavio Piccolomini, conde de Amalfi (n.º 1826); conde de Fontaine (n.º 1828); Claudio Mangis (n.º 1835); Carlos, duque de Bourbon (n.º 1847); anonimo (n.º 1858); Erasmo (n.º 1921); Gerardo Leghen (n.º 1962).

O Sr. Annibal Fernandes Thomaz communicame ter conhecimento de mais obras de Vorstermans, a saber: Ante-rosto de *Exhortação militar ou lança de Achilles*, do Padre Timoteo de Ceabra Pimentel. Lisboa 1650.

Brasão Portuguez, ladeado por duas figuas de corpo inteiro tendo na parte inferior de cada uma *Fides-Fortitudo*, *Lucas Vorstermans fecit*.

Ante-rosto allegorico do *El mayor pequeno* de D. Francisco Manoel Lisboa 1647, assim subscripto *Vorstermans f.*

### III

#### Dudley (Thomaz)

O nome deste gravador, passára até agora desconhecido aos que entre nós se têm occupado de biographia artistica. Menciona-o pela primeira vez o *Catalogo* descriptivo da collecção de retratos de Diogo de Barbosa Machado, onde vem apontados os seguintes:

453—Retrato em creança e allegorico de D. João IV;

454—Retrato do mesmo quando aclamado rei.

Estes dois retratos encontram-se a pag. 583 e 3 do *Cordel triplicado*. . . Lisboa, 1680. de D. Antonio Ardizzone Spinola. Além disso contem mais dois, sendo um o do principe regente depois D. Pedro II, e o outro do autor da obra.

485—Retrato do principe D. Theodosio, duque de Bragança, filho de D. João IV, malgrado herdeiro do throno.

Vem na obra do Dr. Manuel Luis, jesuita, intitulada: *Theodosius Lusitanus sive principis perfecti vera effigies*. . . Eborae 1680.

A subscripção do gravador diz: *Tho: Dudley Anglus fecit Vlyssipone 1679*. D'aqui se conclue que elle era inglês, e que trabalhava em Lisboa em 1679.

#### IV

#### Massili (J. P.)

O retrato de Diogo do Couto de que tratei no 1.º artigo, achase na collecção Barbosa Machado, em cujo *Catalogo* vem descripto sob o n.º 926.

Ahi se apontam mais dois retratos sob os n.ºs 1203 e 1212, sendo um de Lopo Vaz de Sampaio e outro de D. Garcia de Noronha. Apesar de não se acusar a procedencia de nenhum delles, estou convencido que os dois ultimos seriam igualmente destinados á edição de 1736 das Decadas de Couto.

O livreiro Maia tinha ha pouco um exemplar desta obra em que se via o retrato de Couto.

Na livraria da Torre do Tombo existe um exemplar da Decada quarta da edição de 1602, á qual juntaram o retrato de Couto, gravado por Massili em 1722.

Sousa Viterbo.



# A ANTIGA EGREJA DOS ANJOS

e o seu reitor

Diogo Mexia Godines

## I

A freguezia dos Anjos é filial da de Santa Justa, que o cardeal arcebispo D. Henrique desannexou della, por ser grande o seu districto, estabelecendo-a na ermida de Nossa Senhora dos Anjos, que depois se ampliou com o dinheiro produzido de cinco por cento dos alugueres das casas existentes na mesma parochia, em tempo do rei Filippe III. O parcho, tendo sómente o titulo de cura, o patriarcha D. Thomaz de Almeida o collou no predicamento de reitor, cuja reitoria lhe renderia setecentos e cincoenta mil réis.

Na igreja havia uma collegiada de onze capellães com sessenta e quatro mil réis de congrua annual cada um, e era seu donatario e administrador D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho.

Por causa do terramoto de 1755 ficou a igreja arruinada, transferindo o parcho o Sacramento para a ermida do desembargador Alexandre Metello no Campo do Curral, onde permaneceu por alguns annos, segundo refere (1) João Baptista de Castro.

Pinho Leal (2) diz que a freguezia tinha antes de 1755, 2140 fogos, e depois 2117, e que a mitra apresentava o reitor.

Nicolau de Oliveira (3) no seu livro impresso em 1620, dá á igreja ou freguezia dos Anjos, novecentos e quarenta visinhos.

A velha igreja dos Anjos acaba de ser demolida, por causa das obras da avenida D. Amelia. Exteriormente a sua apparencia era a de uma barraca, architectonicamente nada tinha que a recommendasse,

(1) Mappa de Portugal, revisto por Manuel Bernardes Branco, tomo V.

(2) «Portugal Antigo e Moderno».

(3) Livro das grândezas de Lisboa.

porém transpondo-se o guarda-vento, e entrando-se no templo. ficava-se surprehendido com a immensa quantidade de obra de talha dourada, côro, altares, tecto, capella-mór, emfim, por toda a parte, talha e ouro.

Houve, felizmente, o raro bom senso de se aproveitar toda a obra de talha da velha igreja, na nova, que se está construindo na avenida D. Amelia, e que pelo que exteriormente aparenta na sua architectura singela, deve ficar um bello templo, como modernamente se pôde desejar, tendo, ao que nos dizem, a sua casa do despacho, muita belleza.

Tendo a Camara Municipal de Lisboa concedido á Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, os objectos de valor archeologico, que não tivessem applicação na nova igreja, coubenos por parte dessa benemerita collectividade, a honrosa missão de, como conservador adjunto do museu do Carmo, a representar na demolição da igreja, escolhendo e classificando os objectos que vão dar entrada no mesmo museu.

Pequena foi a colheita, porque pouca coisa havia digna de menção: apenas tres pedras tumulares, sendo duas mutiladas, e uma cabeça de anjo ou figura em marmore.

A primeira pedra é evidentemente um trecho de campá que serviu em algum outro demolido templo, tem caracteres gothicos, e appareceu na argamassa d'uma parede. Nella apenas é legivel o seguinte: «Esta sepultura é de A.º piz telheiro de...»

A segunda pedra está exactamente nas condições da primeira, tendo porém em caracteres vulgares, o seguinte:

«De J.º Collaço, 1554.»

A terceira pedra é uma campá completa, e estava no chão da igreja. Faltam-lhe algumas letras, que o tempo gastou. Tem a seguinte inscripção, até onde se pôde ler: «Sepultura do P. Diogo... reitor que foi desta igreja falleceu em... abril de 173.»

Todas as inscripções foram decifradas pelo nosso presado consocio, ex.<sup>mo</sup> sr. Gabriel Pereira, meritissimo inspector das bibliothecas e archivos nacionaes, e tambem conservador do museu do Carmo, que accedendo gentilmente ao nosso cónvite, muito nos auxiliou nas pesquisas a que tivemos de proceder, pelo que lhe exprimimos o nosso reconhecimento.

Quem seria esse padre Diogo, cujas cinzas repousaram tantos annos sob esta pedra? Era necessario descobri-lo, e, habituados como estamos, a empregar o tempo livre vendo papeis velhos, que nos possam fornecer subsidios para os nossos estudos de investigação, pacientemente nos dispunhamos a solicitar a permissão de uma busca no cartorio parochial dos Anjos, quando providencialmente se nos depa-rou um nosso particular amigo, que, apresentando-nos a monsenhor doutor Alçada de Paiva, reverendissimo prior dos Anjos, nos tirou de apuros!

Primorosamente recebidos por sua ex.<sup>a</sup>, que é um ornamento do clero portuguez, logo o archivo nos foi facilitado, marcando-se para a busca, um dia de menor movimento no cartorio. Esse dia chegou, e no fim de algumas horas de trabalho, em que pacientemente nos acompanharam os reverendissimos prior e coadjutor, eis que apparece o assento de obito do reitor Diogo, o que nos encheu d'essa pura alegria, que só experimentam aquelles que se consagram ao estudo.

E do theor seguinte a certidão que delle fizemos extrahir:

«Certifico que a fls. 211 v.º do Livro 5 dos obitos d'esta freguesia está o termo seguinte: Aos sete de abril de mil setecentos e trinta e sete falleceu na travessa da Cruz—Diogo Mexia Godines—Reitor d'esta Igreja. Recebeu os sacramentos e foi sepultado n'esta Igreja e fez testamento. Deixou sua alma por herdeira, nomeou por testamenteiro seu sobrinho, o prior de Perleiro Diogo de Mexia Godines; Mez e era ut supra. O cura D. Jorge. Á margem está uma nota que diz: O reitor d'esta igreja Diogo Mexia Godines». Está conforme. Lisboa e Parochial dos Anjos, 22 de dezembro de 1908. O coadjutor padre Antonio Rodrigues Soares». Segue o carimbo da igreja dos Anjos e da camara ecclesiastica de Lisboa com o respectivo sello em branco.

Os primeiros assentos lavrados pelo reitor Diogo Mexia Godines, são: casamento em 11 de setembro de 1694; obito em 4 de outubro de 1694; e os ultimos são: obito em 11 de dezembro de 1726; baptisado em 15 de fevereiro de 1733.

O cartorio parochial dos Anjos, que é um dos mais antigos de Lisboa por ter escapado ao terramoto de 1755, encontra-se na melhor ordem, tendo os seus livros muito bem encadernados, muito limpos e sem um pico de traça, o que muito honra os parochos que successivamente tem sido da igreja dos Anjos.

## II

A antiga ermida de Nossa Senhora dos Anjos, ou simplesmente «dos Anjos» (não queremos entrar nessa debatida questão), foi elevada a igreja matriz pelo cardeal D. Henrique, sendo arcebispo de Lisboa, em 1563, e foi reedificada em 1725 e 1758, sendo, como já dissemos, desmembrada a freguezia de Santa Justa.

Na «Historia de Portugal», de Pinheiro Chagas, diz-se que o estado em que a antiga igreja dos Anjos se encontrava ultimamente, em nada differia d'aquelle em que Luiz Gonzaga Pereira nol'a representa na estampa do seu curioso livro manuscripto, que existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa: «Descripção dos Monumentos Sacros de Lisboa, ou collecção de todos os conventos, mosteiros e parochias no recinto da cidade de Lisboa, em 1833».

Ora datando de 1563 a parochia dos Anjos, é evidente que os dois trechos de pedras sepulcraes, a que nos referimos, não foram da igreja dos Anjos, mas sim de outro qualquer templo demolido, tanto mais que uma tem a data, bem legivel, de 1554, e ambas appareceram na argamassa das paredes, o que era muito vulgar em construcções antigas.

Em tempos idos, nenhuma importancia se ligava aos estudos archeologicos; pedras com inscripções sepulcraes ou de qualquer especie, eram mutiladas, não importando o que representavam ou attestavam, onde tinham apparecido ou d'onde tinham vindo! Assim se perderam muitos documentos que serviriam para aclarar pontos de historia, que para sempre hão de ficar por averiguar.

E o que é mais para lamentar é que as pedras eram quasi sempre fragmentadas para se adaptarem ás paredes a que as destinavam, e por vezes era tamanha a mutilação, que por completo as inutilisava!

É muito provavel que as duas referidas pedras, tendo servido de campas, na antiga ermida dos Anjos, fôsem depois levantadas, na demolição da ermida, e applicadas nas paredes da igreja; pelo menos tudo o indica. Em todos os templos antigos se notam destes vandalismos!

Como foi grande a obra do nosso sempre chorado Possidonio da Silva, o glorioso fundador do Museu do Carmo, que fomentando os estudos archeologicos em Portugal, e creando a «Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes», salvou do aniquilamento tantas preciosidades dispersas pelo paiz, congregando-as no Museu do Carmo!

E as tradições que nos legou, teem sido e hão de ser sempre respeitadas por esse pequeno mas dedicado nucleo de homens, que compõem a benemerita collectividade por Elle fundada, e que com verdadeiro amor aos monumentos, por elles velam, honrando a memoria do fundador, que tanto contribuiu para o bom nome portuguez!

Diz o sr. dr. Santos Farinha, na sua monographia «O Orago da Igreja dos Anjos», que como Francisco de Sousa houvesse sido senhor da capella-mór dos Anjos, conforme o testemunho do padre Carvalho da Costa, na sua «Chorographia Portugueza», se lembrou de que no cartorio da excellentissima Casa Palmella existissem quaesquer documentos de caracter official, que esclarecessem o assumpto de que a monographia trata. Que obtida a licença, graças á extrema bondade da excellentissima senhora duquesa de Palmella, actual representante de Francisco de Sousa, teve occasião de ver varios documentos no bem organizado archivo d'aquella fidalga familia, que muito interessaram ao seu proposito. Com a devida venia fazemos esta transcripção da bella monographia do sr. dr. Santos Farinha, não porque seja nosso intuito entrar na tão debatida questão do «Orago dos Anjos», mas porque desejamos deixar aqui a historia do jazigo da familia Linhares, que a demolição da igreja dos Anjos poz a descoberto, e que, pelo que vimos, estava em perfeito estado de conservação.

Que os documentos que lhe foram presentes pertenceram ao «morgado dos Anjos» e que por elles veio a saber que Fernão de Sousa, por devoção a Nossa Senhora dos Anjos, quiz ser sepultado na igreja dos Anjos, cujo freguez era, determinando que fosse comprada a capella-mór para seu jazigo e dos seus descendentes.

Que para dar cumprimento á ultima vontade de seu marido, a sua viuva, D. Maria de Tavora, iniciou as negociações com a irmandade do Santissimo Sacramento, d'aquella freguezia e por intermedio do seu procurador, um religioso graciano seu irmão, ajusta este com o juiz da irmandade, que então era D. Affonso de Vasconcellos, as condições em que se havia de fazer a compra. Que mais tarde, um descendente do testador, Manuel de Sousa, entendeu que, tendo a sua casa jazigo, na capella dos Reis do Convento de S. Francisco de Xabregas, este lhe era desnecessario, e só lhe acarretava pezados encargos, de todo o ponto improficuos. Resolveu desfazer-se da capella-mór dos Anjos, ajustando-se com o sargento-mór da Batalha, Domingos Teixeira de Andrade (antepassado da familia Linhares), a venda pelo

preço de tres mil cruzados, ficando o mesmo comprador obrigado com encargos; mas como esta capella fazia parte do «Morgado dos Anjos», não podia effectuar-se subrogação sem a respectiva licença Regia. Que esta foi concedida por Provisão passada por el-rei D. José, em 10 de dezembro de 1753, e encontra-se no Livro da Chancellaria do mesmo monarcha, no Real Archivo da Torre do Tombo a fls. 2225 v. do L.º 84, onde teve occasião de a ver.

O jazigo, cuja abobada foi abatida, não será destruido, mas simplesmente entulhado, ao que parece, e muito bem se poderia conservar a memoria do sitio em que se encontra, calçando de pedra de côr diversa esse sitio, o que todavia não temos a menor esperanza de que se faça, por quanto havendo no sob-solo de Lisboa theatro e thermas romanas, reservatorios de agua, caminhos subterraneos e muitos outros curiosos trechos archeologicos, não ha delles, nos sitios onde se encontram, a mais insignificante memoria, sendo apenas conhecida a sua existencia pelo que os livros dizem!

Não contava o velho prior, ou para melhor dizer reitor Diogo, que o seu eterno somno fosse perturbado, nem que os seus restos mortaes fossem, cento e setenta e um annos depois do seu fallecimento, arrancados da sua sepultura na antiga egreja, que elle com tanta dedicação parochiou, nada menos de quarenta e tres annos, e á qual certamente legou grande parte dos seus bens, como se deprehende do seu testamento em que «deixou a sua alma por herdeira».

Que ao menos nos perdôe a irreverencia da nossa pobre prosa, porque se podessemos concorrer para que lhe fosse dada condigna sepultura, o fariamos, conscios de que pagavamos uma divida, que fica em aberto. Ha creaturas que, ainda seculos depois de mortas, são infelizes.

(Continúa).

JULIO AUGUSTO FERREIRA.



## A CAPELLA REAL E A IGREJA PATRIARCHAL NA AJUDA

Data do reinado de D. João v e do anno de 1716 <sup>(1)</sup> a elevação da Capella real dos Paços da Ribeira á classe de cathedral metropolitana e patriarchal.

Similhantermente ao que succedera no judicial e no administrativo, o territorio da cidade de Lisboa—que desde João I (1394) constituia uma unica diocese archiepiscopal—foi naquelle anno dividida em duas dioceses: uma oriental, que continuou a pertencer ao antigo arcebispo metropolitano, e outra occidental, que passou a ser jurisdiccionalada exclusivamente pelo patriarcha neste anno instituido, ao qual foi tambem conferida a dignidade de capellão-mór da Casa real e a prerogativa de usar habitos cardinalicios, etc.

Ao passo que na Capella real dos Paços da Ribeira se foi estabelecer a nova Igreja patriarchal, a antiga Sé archiepiscopal conservou-se no seu primitivo templo, abaixo do Limeeiro.

Este desdobramento perdurou atravez um periodo de 24 annos.

Em 1740, porém, o papa Bento XIV <sup>(2)</sup>, a instancias do rei Magnanimo, incorporou numa só prelazia (a do patriarchado) as duas dioceses, extinguindo-se, portanto, a Sé archiepiscopal <sup>(3)</sup>.

Assim é que, desde a sua creação até o horrendo cataclismo do dia 1 de novembro de 1755, a Igreja patriarchal e a Capella real funcionaram conjunctamente nesse magestoso templo levantado no sitio onde actualmente estão a embocadura occidental da rua de Elrei (ou dos Capellistas) e a Igreja de S. Julião, comprehendendo ainda uma pequena facha de terreno na embocadura da rua deste mesmo nome <sup>(4)</sup>.

(1) A cadeira dos papas estava então occupada por Clemente XI, que havia sido eleito a 23 de novembro de 1700.—A bulla da creação da Santa Igreja Patriarchal de Lisboa tem a data de 7 de novembro.—Vide «Historia Genealogica da Casa Real», tomo 8.º, pag.º 229 e seg.º, e suas «Provas» tomo 5.º, pag.º 170 e seg.º.

(2) 4.º successor de Clemente XI.

(3) Bullas de 13 de dezembro de 1740 e 14 de julho de 1741.

(4) Vide «As muralhas da Ribeira de Lisboa», estampa I, pelo distinctissimo engenheiro sr. A. Vieira da Silva.

A partir daquelle fatal dia, e durante os 37 annos que se lhe seguiram, a Capella real e a Igreja patriarchal não tornaram mais a funcionar num mesmo templo.

Com a mudança da residencia da familia real para o sitio da Ajuda, a Capella real para aqui foi igualmente trasladada, ao passo que, durante estes mesmos 37 annos, a Igreja patriarchal teve sua séde, successivamente: na Ermida de S. Joaquim e Santa Anna (1755—1756) (1); em templo proprio nas terras denominadas do conde de Tarouca, mas pertencentes aos jesuitas (1756—1769) (2); na Igreja de S. Roque (1769); na Igreja do convento de S. Bento (1769—1772) (3); e na Igreja do convento dos conegos regrantes de S. Vicente de Fóra (1772—1792) (4).

Em 1792 foi transferida para a Capella real da Ajuda.

É manifesto o erro do «Dicionario Popular» quando diz que a Patriarchal foi estabelecer-se na Igreja parochial da Ajuda. Inexacta é tambem a «Historia de Portugal», igualmente de Pinheiro Chagas (5), quando affirma que o sitio da Ajuda foi escolhido e adoptado para Patriarchal logo a seguir ao Terremoto. Em ambas estas obras se confunde Igreja patriarchal com Capella real.

Em quanto no sitio da Ajuda se construia a «sumptuosa barraca ou casa de campo regia de madeira» e, mystica com ella, a Capella respectiva—as cerimonias religiosas proprias da real Capella celebraram-se na Igreja parochial, que D. José «mandára reparar e ornar logo depois do terremoto» (6).

No côro alto desta velha parochial igreja, como em tribuna, assistiam D. José, a rainha, a princeza e as infantas á festividade da

(1) Situada na freguezia da Ajuda, sitio de Alcantara, na quinta que ahi possuia o marquez de Abrantes. Foi demolida o anno passado; em seu lugar construiu-se um predio. A rua respectiva ainda conserva o nome de S. Joaquim, ao Calvario.

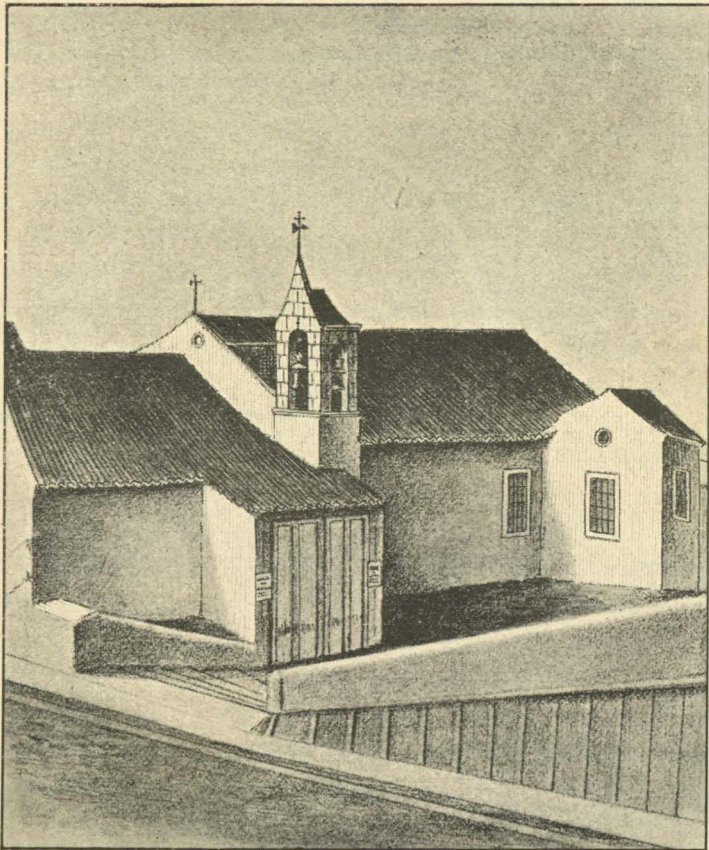
(2) Onde está hoje o jardim do Principe Real. O sitio é ainda conhecido pelo nome de «Patriarchal Queimada».

(3) Palacio das côrtes.

(4) Vide o codice 51—II—72, da Real Bibliotheca da Ajuda, pag. 127-137.

(5) Tomo 7.º, pag. 604, da edição actualmente em publicação.

(6) Até 1836 a freguezia da Ajuda teve a sua séde no lado oriental do largo do mesmo nome, onde o sr. Antonio José Piano construiu, ha cerca de 15 annos, um predio para sua residencia e que habitou até o anno passado.



Antiga igreja parochial da freguezia da Ajuda.  
(Segundo um desenho, a lapis, que se encontra no Mss. n.º 215 da  
Bibliotheca Nacional de Lisboa, por Luiz Gonzaga Pereira).  
BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 9—PAG. 622

Conceição no mesmo anno de 1755, quando, durante a missa, se sentiu um novo tremor de terra (1).

Tanto bastou para que, por ordem do monarcha, se redobrassem esforços e actividades a fim de apressar e adiantar o mais possivel a construcção da barraca e da Capella annexa.

A direcção destas obras estava confiada a João Carlos Sicino Galbi Bibiena, «architecto supranumerario das obras dos Paços reaes desta cidade e dos mais e quintas fóra della» (2), bem como auctor do «risco para a Igreja da Memoria», em Belem (3). A Bibiena succedeu Elias Sebastião Pope, em 20 de janeiro de 1761.

Comquanto não possa determinar com segurança a area em que foram construidas, em 1755, a barraca e Capella annexa, é muito possivel que abrangesse o espaço occupado pelo *Paço novo* que ardeu em a noite de 10 de novembro de 1794 e que, pouco mais ou menos, se levantava onde foi construida a ala norte do corpo oriental (e unico edificado) do *novissimo* Paço real, cuja construcção começou em 1795 e ainda está por concluir! (4)

A 24 de dezembro do sempre memoravel anno de 1755 foi inaugurada, com a assistencia de el-rei, a nova Capella real. Ao lado *direito*, ou da epistola, havia uma tribuna para a real familia.

De um documento datado de 7 de março de 1798 e firmado pelo P.<sup>o</sup> Herculano Henrique Garcia Camillo Galhardo (3.<sup>o</sup> reitor da igreja parochial), consta que, «construindo-se neste sitio de Nossa Senhora da Ajuda, logo depois do terremoto do primeiro de novembro de 1755, o real palacio de Sua Magestade, e junto a este a sua real capella, para ella se trasladou por ordem regia a propria imagem de Nossa Senhora da Ajuda desta antiga igreja parochial, collocando-se no seu proprio lugar da capella maior, como titular e orago da mesma capella real, onde se venera, até o presente, constituindo-se e dignando-se a rainha fidelissima nossa senhora que Deus guarde ser juiza e protectora perpetua da sua irmandade erecta nesta igreja parochial e declarando-se aia do vestuario, ornato, culto, magnificencia e summa riqueza

(1) «Mappa de Portugal», pelo P.<sup>o</sup> João Baptista de Castro, tomo 5.<sup>o</sup>, pag. 208, edição de 1763 — ou pag. 329 da edição de 1758.

(2) «Diccionario dos Architectos, engenheiros e constructores portuguezes», pelo sr. dr. Sousa Viterbo, tomo 1.<sup>o</sup>, pag. 107.

(3) «Collecção de memorias», por Cyrillo Volkmar Machado, pag. 190.

(4) Oportunamente me occuparei dos 3 Paços, em especial.

do espolio da mesma sagrada imagem, o que em fim fez e praticou pelas suas reacs mãos e das mais pessoas reaes, suas augustas irmãs, por exemplo, imitação e successão da mãe augusta a Fidelissima rainha senhora Dona Marianna Victoria que sancta gloria haja» (1).

Em a nova Capella se construiu tambem um sacrario, para onde o Sacramento foi transferido da igreja matriz. A administração deste Sacramento era feita pelo reitor (parcho), não sendo membro da familia real a pessoa que commungava. Desta Capella passou tambem a saír o Viatico aos parochianos. Em 1758 já ahi havia uma «fonte baptismal, que servia para as funcções de Sabbado d'Alleluia e domingo de Pentecostes. Antes de 1792, annos houve em que nesta Capella se celebraram diversos actos sacramentaes, proprios e competentes da igreja parochial, conforme refere o citado parcho P.º Herculano, cuja reitoria comprehende os annos decorridos desde 1775 até 1808.

A partir de 1709 e por virtude de um breve de Clemente XI, de 24 de agosto, a Capella real possuia foros de parochia. Era servida por um cura, apresentado pelo patriarcha, como capellão-mór, e por um coadjutor provido pelo mesmo prelado. Ao cura competia administrar os sacramentos a todas as pessoas que serviam e residiam no Paço real, ou fossem seus criados e suas familias, ou criados daquelles, contanto que tivessem residencia no Paço.

Por accordam da Relação ecclesiastica de 15 de dezembro de 1757, estes direitos de parochialidade extendiam-se até sobre os criados de El-rei dispersos pelas diversas freguezias da côrte, mas não ás familias destes. De 1780 a 1789 estes direitos de parochialidade deram origem a continuas, e por vezes escandalosas, disputas e questões entre o cura da Patriarchal na Capella real (Beneficiado P.º Sebastião José de Gouvea e Mello) e o já referido 3.º reitor da real parochia da Ajuda; o mesmo succedendo entre aquelle e o parcho da freguezia de Santa Catharina. Algumas destas questões subiram ás instancias superiores ecclesiasticas e foram julgadas pelos accordãos de 22 de agosto de 1780, 25 de fevereiro de 1783 e 16 de novembro de 1788.

Consoante certificou, em janeiro de 1756, o primeiro reitor da freguezia (P.º Henrique Garcia Galhardo)—«em razão das funcções da Capella real situada nesta igreja (parochial), se embaraçava o fa-

---

(1) O documento a que me reporto pertence ao archivo parochial, onde o extractei, além de outros a que successivamente me irei referindo.

zer-se nella o officio pelas almas dos irmãos defunctos, principalmente no dia da festividade de Nossa Senhora da Expectação».

Num dos n.<sup>os</sup> da «Gazeta de Lisboa» de fevereiro de 1756, «a Capella real de N. S. da Ajuda» é indicada como um dos logares onde se acharia á venda um annunciado livrinho de devoção.

Embora na edição do «Mappa de Portugal» de 1763 se accrescente que a pia baptismal da real Capella abarracada servia tambem para os «baptismos dos filhos dos criados» da Casa Real, o certo é que, conforme tive occasião de averiguar no archivo da Camara ecclesiastica, os livros dos registos de baptismos celebrados pelo cura da Patriarchal e seus coadjuutores na Ajuda, de 1760 a 1777, não contem um unico termo em que se declare que taes actos foram celebrados no edificio proprio da Capella real, mas sim, e todos, «na igreja de Nossa Senhora da Ajuda, onde se celebram os officios divinos da capella real» — se bem que pelos curas da Patriarchal e seus coadjuutores, ou pelos seus delegados, ou por ecclesiasticos auctorisados por aquelles. É todavia para advertir que, tendo ardido os livros dos assentamentos «da freguezia da Santa Igreja Patriarchal» no incendio desta Igreja nas denominadas Terras do conde de Tarouca em 1769, só alguns dos registos foram novamente feitos nos novos livros, archivados na Camara ecclesiastica e cujos termos de abertura são de 3 de setembro de 1769.

Na classe dos «filhos dos creados» da Casa Real, o baptismo mais antigo dos novamente registados no livro respectivo deste archivo reporta-se a 20 de setembro de 1761 e é de Maria Joaquina Themotia Alexandrina, filha de Pedro Alexandrino Nunes, reposteiro que fôra da Camara de S. Magestade. Este baptismo foi administrado pelo cura da Patriarchal «na igreja de N. S. da Ajuda aonde se celebram os officios divinos da Capella Real» e acha-se registado a fls. 17 v.— O termo nono é de um filho de Domingos Cerqueira da Silva, morador no *Paço Velho* da Ajuda, baptisado na mesma igreja a 4 de agosto do proprio anno da referida edição do «Mappa de Portugal».

O P.<sup>o</sup> João Baptista de Castro (que, como tive occasião de averiguar, faleceu a 24 de fevereiro de 1775) era «beneficiado na Santa Basilica Patriarchal de Lisboa» e tinha, portanto, uma auctoridade especial no assumpto de que tratava nesta parte da sua utilissima obra. De suppor é, pois, que pelo menos alguns baptismos se tivessem realmente effectuado na Capella real na epoca a que elle se refere. Indicação que todavia o confirme, não encontrei.

Segundo o livro respectivo dos registos, foi a 23 de outubro de 1777, isto é, oito mezes depois do falecimento de el-rei D. José, que na «Capella Real de Nossa Senhora da Ajuda» se celebrou o primeiro baptisado.

D. José, príncipe da Beira, e seus tres irmãos—os 2 infantes D. João e a infanta D. Mariana Victoria—foram baptisados na igreja parochial, respectivamente a 28 de agosto de 1761, 2 de outubro de 1763, 19 de maio de 1767 e 21 de dezembro de 1768.

O que digo dos baptismos, digo tambem dos casamentos.

Até 1777, não consta dos referidos livros do archivo da Camara ecclesiastica que na Capella real da Ajuda se celebrasse qualquer casamento, mas sim na igreja parochial.

No livro dos recebimentos da freguezia de S. Paulo, anno de 1780, fls. 91 e 91 v., acha-se registado o casamento de João Pedro Rocks com Mariana Joaquina Peters (bisavós maternos do falecido conselheiro Ernesto Hintze Ribeiro). Este casamento, conforme uma certidão apresentada ao parochio respectivo, foi effectuado na Ajuda a 21 de novembro de 1767, mas—não constando (como, de facto, não consta) do archivo parochial da Ajuda,—deve naturalmente ser incluído no numero dos que não chegaram a ser novamente registados depois do incendio de 1769, visto tambem não vir lançado o respectivo termo nos livros da Patriarchal existentes na Camara ecclesiastica.

«Na igreja de N. S. da Ajuda aonde se celebram os officios divinos da capella Real»—e não «na capella do paço da Ajuda», como diz o «Diccionario Popular»—é que se realisou o consorcio de D. Maria I com D. Pedro III, a 6 de junho de 1760.

Nesta mesma real igreja parochial, servindo de Capella real, se effectuou tambem, a 21 de janeiro de 1777, o casamento do já referido príncipe da Beira com a princeza D. Maria Benedicta, sua tia.

O ultimo consorcio celebrado na igreja parochial, servindo de Capella real, é de 5 de outubro deste anno de 1777. O primeiro que se realisou em a nova Capella real foi a 23 deste mesmo mez e anno.

Não me resta, pois, duvida de que até o começo do reinado de D. Maria I, e pelo menos de 1769 em diante, os sacramentos do baptismo e do matrimonio administrados na Ajuda eram—na igreja parochial—pelos curas da Patriarchal e seus coadjutores ou delegados, ou pelos reitores da freguezia e seus coadjutores, conforme se tratava ou não de individuos pertencentes á familia real

ou ás dos seus serventuarios. Similhantermente, segundo o caso, os termos de assentamento destes actos eram registados nos livros da Patriarchal ou nos do archivo parochial. O que aliás continuou a succeder nos annos seguintes, quer antes quer depois da trasladação da Patriarchal para a Ajuda, inclusivamente com os termos de obito. O que se dava na Ajuda, dava-se tambem em Queluz, na Bemposta, etc., com relação ás freguezias respectivas, como se havia dado tambem nos Paços da Ribeira a respeito das freguezias da cidade antes do terremoto de 1755.

Além da Capella real, propriamente dita, no largo da Ajuda, havia o «Oratorio da rainha nossa senhora no Paço de Nossa Senhora da Ajuda», onde se realisaram tambem varios baptisados, entre os quaes os de 4 filhos do duque de Cadaval, em 1765, 1766, 1767 e 1770.

Neste «Oratorio» foi armado cavalleiro na ordem de Christo, em 25 de maio de 1782, o infante D. João, mais tarde regente e depois rei de Portugal. Foi tambem neste «Oratorio» que o patriarcha de Lisboa D. José Francisco de Mendonça recebeu o capello a 14 de agosto de 1788.

No «Oratorio do *Paço Velho*» casaram a 16 de julho de 1792 o capitão Hermogeneo de Sequeira e D. Mariana Luiza da Resurreição.

No já referido anno de 1758 e para serviço da Capella real, achava-se construida «mais uma torre de madeira totalmente separada da parochia, na qual se collocaram quatro sinos, que o arcebispo de Lacedemonia sagrou e lhe assistiram conegos da Basilica, fasendo-se esta função dentro da mesma barraca, assistindo Sua Magestade na tribuna».

Conforme tambem refere o P.<sup>o</sup> J. B. de Castro—em ambas as edições do seu «Mappa de Portugal»—na Capella real da Ajuda havia côro todos os dias, ordinariamente resado pelos capellães, e cantado nos dias solemnes, domingos e dias sanctos; celebrando-se a liturgia pelos ministros da Patriarchal, a este tempo funcionando nas já mencionadas Terras do conde de Tarouca.

O pessoal nomeado por D. José para alli officiar quotidianamente, era constituido por: 14 capellães, 9 musicos, 1 mestre de cerimonias (para assistir sómente ás missas e vespervas solemnes), 4 moços de capella e 1 thesoureiro, que tambem servia de altareiro.

Quando em setembro de 1760 se fez o lançamento da primeira pedra da construcção da «Igreja da Memoria», em Belem, «diante da cruz

caminhavam todos os capellães que assistiam a S. Magestade na Capella do real palacio deste sitio da Ajuda».

Sempre que Sua Magestade assistia publicamente na igreja com a côrte, ia servil-a um Principal em habito ordinario de muzzeta e manteleta, tendo o seu lugar em banco de espaldar coberto de raz, situado da parte da epistola, bem *defronte do throno real*.

A Capella real da Ajuda teve os seus Estatutos proprios, que foram approvados pelo já citado patriarcha D. José Francisco de Mendonça, a quem haviam sido submettidos por ordem da rainha.

Este patriarcha foi sagrado nesta Capella, por seu irmão o bispo do Porto, a 16 de novembro de 1788.

Como ficou já referido, foi no anno de 1792 que o corpo da Igreja patriarchal se trasladou do convento de S. Vicente de Fóra para a Capella real da Ajuda.

Este acto — que se realisou no quarto mez da regencia do infante D. João — foi registado pelo chronista Fr. Claudio da Conceição nos termos seguintes: «Do Real Mosteiro de S. Vicente se transferiu (a Igreja patriarchal) para a Capella Real de Nossa Senhora da Ajuda a 26 de maio de 1792, sendo os primeiros officios as vespervas do Espirito Santo, onde ao presente existe» (1).

A esta trasladação se refere a «Gazeta de Lisboa» de 29 do referido mez e anno, accrescentando que ella se fez em «conformidade da determinação de Sua Magestade», parecendo certo que de ha muito o pontifice romano concedera auctorisação para que a metropole patriarchal fosse «outra vez materialmente incorporada no Palacio regio».

Na Torre do Tombo (Cartorio da mitra patriarchal, maço 25) tive a fortuna de encontrar um grande numero de folhas semanaes de diversas verbas despendidas nas obras a que então se procedeu naquella capella, em ordem a poderem alli installar-se a Patriarchal e os seus ministros. Estas folhas abrangem o periodo que vae de 10 de março de 1792 a 3 de outubro do mesmo anno. Nas semanas que decorreram desde 21 de abril a 23 de junho, a importancia das folhas das ferias dos «mestres, officiaes e jornaleiros» monta a 24:800\$903 réis. De um recibo datado de 3 de outubro consta a verba de réis

(1) «Gabinete Historico», Tom. xiii, pg. 128.



Torre da Patriarchal, na Ajuda

1:320\$810 «de madeira de casquinha e vigamento para o accrescentamento da capella mór, tribuna e casas adjacentes». Para mestres, officiaes, etc., figuram ainda as verbas: 607\$530, 2:481\$875, 3:111\$350, 3:211\$770, 4:353\$203 e 4:977\$445 réis.

Destas mesmas contas se vê que as obras foram feitas sob a direcção do tenente-coronel Manuel Caetano de Sousa, architecto da Santa Igreja Patriarchal e da casa do Infantado, de quem Volkmar Machado diz que fez a torre da Capella real da Ajuda.

Ao contrario do resto do edificio — que, tanto na parte moderna, como na antiga, era principalmente de madeira — esta torre foi totalmente construida de pedra lioz. A sua fórma é octogonal; a entrada faz-se pelo lado oriental. A ascenção para o campanario é por uma escada interior em caracol, de 80 degraus e aberta na parte noroeste.

O codice 51-II-72 da Real Bibliotheca da Ajuda é uma compilação e ampliação do que sobre este assumpto escreveu o auctor do «Mappa de Portugal». Ahi se descreve o numero e o peso dos sinos desta torre, bem como a data em que foram sagrados, ós nomes de santos que receberam, quem os sagrou e o dia em que tocaram pela primeira vez. A sagração foi no dia 25 de março de 1793. O dia do nascimento da princeza da Beira, D. Maria Thereza (filha do depois rei D. João 6.<sup>o</sup>) — 29 de abril do mesmo anno — foi o escolhido para a estreia dos 8 sinos.

Os seus pesos em arrobas são os seguintes, pela ordem decrescente: 287, 211, 118, 111 e 8 arrateis, 90 e 24 arrateis, 64 e 24 arrateis, 48 e 12 arrateis, 41.

As invocações da sagração são estas: Salvador do Mundo, N. S. da Conceição, S. Thomé apostolo, S. Francisco de Borja, S. Vicente martyr, S.<sup>to</sup> André, S. Roque e S.<sup>ta</sup> Barbara.

A avaliar pelos dizeres dos 4 primeiros, todos estes 8 sinos foram fabricados em MDCXCIII e por J. Lavache, J. Graveiro e F. Alves.

Em cada um delles ha uma inscripção latina, tirada da Biblia ou dos Santos Padres. A do 2.<sup>o</sup> sino, que está collocado inferiormente no lado oriental, é concebida nestes termos: «In periculis, in angustiis Mariam cogita, Mariam invoca».

Na altura do 67.<sup>o</sup> degrau da escada abre-se uma porta na face norte, que dá entrada para o recinto onde está instalada a machina do relógio. «Joze da = / Silva Mafra. / o fes no Anno de 1796».

Estas palavras, gravadas numa chapa de bronze, acham-se escri-

ptas por cima do mostrador metalico, que olha para o lado do Palacio.

Para o descenso e ascenso dos pesos, se deixou aberta uma larga cavidade no interior da face sul, em cuja base ha uma pequena porta para o exterior.

São tres os sinos do relógio—um, o maior, para as horas; os outros dois, de timbre e tamanho differentes, para os quartos. Estão suspensos do alto da torre, superiormente aos 8 já referidos. O accesso para elles é feito, um tanto difficilmente, por tres escadas de madeira, a primeira das quaes está completamente applicada á face octogonal nordeste. Dos dois mais pequenos, o menor—que não é inferior ao mais leve dos outros 8—tem a data de «MDCCXXXII» e o outro a de «MDCCXXXI—Levache fecit».

A corda do relógio é de 48 horas; a do machinismo que faz bater o sino das horas e os dos quartos, dá para 28 horas apenas.

Não eram passados ainda 2 annos e meio sobre a trasladação da Patriarchal para a Capella construida junto do abarracado, mas já a este tempo bastante sumptuoso, *palacio novo* da Ajuda, quando toda a parte oriental deste foi devorada pelo incendio da noite de 10 de novembro de 1794.

Havia tres dias que a familia real regressara de Queluz, onde passara parte da estação calmosa. Segundo noticia a «Gazeta de Lisboa» dos dias 14 e 15 do mesmo mez e anno (suppl.<sup>tos</sup> ao n.º 45), o fogo, devido a um descuido, começara em um dos *quartos de baixo*, cerca das 8 horas da noite, propagando-se com grande rapidez. Na extincção do incendio prestaram relevantes serviços os frades do proximo convento da Boa Hora, os padres da Congregação de Oratorio e outros ecclesiasticos e varios soldados. Pelo que respeita á Igreja Patriarchal e real Capella e á real Bibliotheca, a um empregado desta, o bacharel e beneficiado Feliciano Marques Perdigão, se deveu não se lhes communicar o fogo, graças ao expediente que adoptou de cortar a passadiço de communicação com o Palacio.

Num outro caderninho manuscripto da real Bibliotheca, encontro o seguinte, sob o titulo «Vindas do Principe, de Mafra á Ajuda em 1807»: «1.<sup>a</sup> Viera pela primeira vez subitamente em 29 de setembro pelas 10 horas e meia da noite a cavallo, trazendo em sua companhia, como nas seguintes vezes, o Infante D. Pedro Carlos, e fez assistencia nos chamados quartos de Sua Eminencia na Santa Igreja

Patriarchal. Voltou outra vez no dia 3 de outubro pelas 6 horas da manhã a cavallo».

Por mais de um titulo, é aqui oportuna e muitissimo interessante a seguinte carta ou representação dirigida para o Rio de Janeiro ao Regente, pelo director da Bibliotheca da Ajuda, em janeiro de 1809:

«Senhor—Os Ministros da Santa Igreja Patriarchal, desejando exercitar-se no manejo d'aquellas armas que V. A. R. determinou tomassem todos os seus fieis vassallos, me fizeram aviso de que lhes era conveniente para o mesmo exercicio o terreno que faz o recinto *destas Reaes Bibliothecas*.

«O não ser este uso do dito terreno de inconveniente ás *Bibliothecas*, antes ser muito do serviço de V. A. R., e o parecer-me este negocio da minha competencia (pois que a patrulha que no mesmo terreno fazia a guarda *destas Bibliothecas* estava ás minhas ordens, e em minha falta ás do meu companheiro que reside no alojamento proximo das *Bibliothecas*; foram os motivos por que sem hesitação permitti o uso do terreno para aquelle fim.

«Na noute de hoje se propoem os Ministros da Santa Igreja Patriarchal a começarem o exercicio neste lugar, por não ser commodo o em que até agora o teem feito: e se continuará assim, em quanto V. A. R. não determinar o contrario.

«Do que dou esta conta a V. A. R., que ordenará o que fôr servido.

«Bibliotheca Real no sitio de Nossa Senhora da Ajuda, 25 de janeiro de 1809.

«O Encarregado da direcção e arranjo das *Reaes Bibliothecas*—Alexandre Antonio das Neves».

Em outros dois maços (n.<sup>o</sup> 42 e 46) do Cartorio da mitra patriarchal se encontram contas de despezas feitas de 1812 a 1816 em concertos nos telhados e sachristia da real Capella, nos armazens annexos, no orgão da capella-mór, no sino grande, etc., etc. O architecto cujo nome ahi figura é o de Francisco Antonio de Sousa. Nesta epocha o «organeiro que trata do orgão da capella mór» era Joaquim Peres Fontanes.

Na pia baptismal desta Igreja receberam a agua lustral os infantes D. Miguel, D. Pedro e os outros filhos de D. João 6.<sup>o</sup>.

A Patriarchal funcionou na Ajuda durante 41 annos e 3 me-

zes e meio, sendo para notar que «o zelo religioso de D. João 6.<sup>o</sup> nunca poude vencer as difficuldades que se lhe offereceram para restituir-lhe o lustre e grandeza antiga», no dizer d'um relatorio ministerial.

Ao fim deste espaço de tempo, foi trasladada para a igreja da antiga Sé archiepiscopal, ao Limoeiro.

Esta ultima transladação realisou-se no tempo de D. Pedro 4.<sup>o</sup>, entre os dias 9 e 16 de setembro de 1833. O ultimo assentamento nos livros de registo da Patriarchal na Ajuda é o do obito de Joaquim Antonio de Azevedo Marrocos, empregado da real Bibliotheca, falecido no dia 9 deste mez e anno. O ultimo casamento nesta Patriarchal foi a 30 de outubro de 1832 e o ultimo baptismo a 11 de agosto de 1833.

Com esta mudança, o templo abarracado do Palacio da Ajuda voltou ao que era antes de 26 de maio de 1792: simples Capella real. Unicamente como tal figura, durante 1 anno e 8 mezes, nos livros de registo respectivos, isto é, desde o já referido dia 16 de setembro de 1833 até 21 de maio de 1835—dia em que nesta Capella se celebrou o ultimo baptismo, registado.

Poucos mezes sobreviveu a Patriarchal a esta transladação. Por decreto de D. Pedro 4.<sup>o</sup> de 4 de fevereiro de 1834 foi ella extincta, aposentados os Principaes e Monsenhores, e restituída a antiga Sé archiepiscopal metropolitana ao estado em que antes se achava, conservando-se todavia ao patriarcha as honras que tinha, e aos seus successores o titulo de patriarcha de Lisboa com o de arcebispo metropolitana. Este decreto foi confirmado por D. Maria 2.<sup>a</sup> no decreto de 10 de janeiro de 1835 e teve por base uma consulta de 11 de setembro de 1833 da «Junta do exame do estado e melhoramento temporal das ordens regulares». Neste mesmo dia de janeiro de 1835, baixaram trez outros decretos: o 1.<sup>o</sup> revogando e annullando todas as mercês que a certas pessoas, por differentes decretos, se haviam conferido para Dignidades da Sé metropolitana de Lisboa, á excepção da de deão; o 2.<sup>o</sup> nomeando para a mesma Sé 1 deão, 24 conegos, 16 beneficiados e 24 capellães cantores; o 3.<sup>o</sup> aposentando 7 conegos, 7 beneficiados e 6 clerigos beneficiados, uns da Santa Igreja Patriarchal e outros da Basílica de Santa Maria Maior.

Pela Bulla «*Quamvis aequo apostolice*», do mez de novembro de 1843, Gregorio XVI resolveu a chamada questão dos bispos, que se ia eternisando. Era então patriarcha de Lisboa o cardeal Saraiva (1843-1845).

Em quanto á Capella real, deixada quasi ao abandono e pela acção



Pia baptismal da Igreja Patriarchal, da Ajuda. — *Museu do Carmo*,  
n.º 3826.

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 9 — PAG. 633

do tempo, foi-se pouco a pouco arruinando. Instado pelo Guarda-joias Paulo Martins de Almeida, que oficialmente pedira umas indispensaveis e immediatas reparações e concertos, o ministerio do reino respondeu em 15 de janeiro de 1840 que «oportunamente» se mandaria proceder aos trabalhos pedidos; mas nada se fez. Entretanto succediam-se os mezes e os annos; a gatunagem subia aos tectos e arrancava o chumbo que os cobria, não bastando para o impedir a sentinella de guarda ao Palacio. A ruina era cada vez maior. Em vista della, e tendo-se dado um roubo no orgão—cujos tubos foram roubados na noite de 14 para 15 de julho de 1843—e por proposta do Vedor da Casa Real (D. Manuel de Portugal e Castro), o ministro do reino (Costa Cabral) mandou demolir o templo em 29 de agosto do mesmo anno, depois de orçadas as despesas em 2:049\$600 réis.

Num dos projectos elaborados pelo Ministerio das obras publicas para a construcção da casa da guarda militar do Paço da Ajuda e para aformoseamento do sitio, figura o terreno onde fôra o templo. A torre tambem já esteve para ser demolida.

Em identicas condições de abandono e de ruina se achava tambem o antigo templo da igreja parochial, depois que esta passou, em 3 de maio de 1836, para a igreja do Convento da Boa Hora! Foi mais tarde comprada á Fazenda Nacional por um particular, havendo-se anteriormente feito a trasladação das ossadas que lá existiam, e no cemiterio annexo, para o cemiterio fronteiro ao Casal de Pedro Teixeira, a 19 de novembro de 1848.

Á entrada do Museu Archeologico do Carmo encontrará o visitante a pia baptismal da Capella real e Patriarchal da Ajuda, sob o n.º 3826. Durante alguns annos, esta pia esteve nas cosinhas do quartel de Infantaria 1, á calçada da Ajuda, quando era seu commandante Philippe Marceley Pereira!...

A um paiz estrangeiro, creio que á Inglaterra, foi parar o grande orgão do templo, o qual havia sido concedido por el-rei D. Luiz em maio de 1864 á Junta de parochia da freguezia de S. Pedro em Alcantara, mas que annos depois o trocou pelo actual, já usado, dando ainda cerca de 400\$000 réis em dinheiro!

Ajuda.

# OS MONUMENTOS (\*)

(Continuado do n.º antecedente)

A *sé velha de Coimbra* é um monumento não só venerando pela sua antiguidade e pelas recordações historicas, que lhe dizem respeito, mas tambem muito apreciavel aos olhos da arte. É um dos templos do seculo XII mais bem conservados, que existem no paiz, e dos que têm sido até ha pouco mais respeitados dos reedificadores, não obstante differentes obras emprehendidas nelle desde os fins do seculo XV, com as quaes perdeu, é certo, a pureza do estylo architectonico, mas não as feições primitivas, que caracterisam o estylo de architectura.

Além da igreja offerecer aos estudiosos um bom typo para o estudo da architectura religiosa em o nosso paiz no correr do seculo XII, mostra o estado da esculptura em pèdra em diversas epochas, já nos tumulos, já na reforma de algumas capellas; encerra o mais bello, primoroso e delicado retabulo de talha dourada, de que temos conhecimento, e que julgamos ser o unico existente no reino, fabricado, segundo o estylo gothico puro, ao passo que toda a obra de talha dourada que se vê em os nossos templos pertence ao estylo da renascença, ou ao da moderna architectura, e finalmente nos azulejos de desenhos relevados, que vestem as paredes interiores do templo, apresenta uma linda amostra deste producto da arte na sua introdução em Portugal nos fins do seculo XV.

Pois não obstante possuir todos estes titulos, pelos quaes devera ser estimado e respeitado de todos, na cidade de que é ornamento, e no reino, que o conta entre os seus mais notaveis monumentos, commetteu-se a barbaridade de se construir uma capella no cruzeiro d'este templo, ficando obstruida a porta travessa, e quasi encobertos os mausoleus de personagens importantes, como são o bispo de Coimbra D. Egas Fafes, e D. Vetaça Lascaris, neta de Theodoro Lascaris, imperador do Oriente. E praticou-se este attentado de lesa arte, e de lesa historia, não em uma aldeia occulta entre serras, mas sim em uma cidade que serve de assento ao primeiro estabelecimento litterario do

---

(\*) Folhetins publicados no *Commercio do Porto* em 1873.

reino. Praticou-se, não quando o espirito publico andava desvairado, e os delegados do poder preocupados com as discordias intestinas que absorviam todas as atenções e malbaratavam os recursos do paiz; mas sim ainda não ha dous annos, quando a nação se entregava tranquilamente, porém com fervor, ao desenvolvimento dos diversos ramos da industria, e que o governo procurava com esclarecida solicidade melhorar progressivamente as condições economicas do paiz.

Sendo governador civil de Portalegre o snr. Bazilio Cabral Teixeira de Queiroz Junior, visitou o districto, no desempenho do seu cargo, em 1866, e desta visita deu minuciosa conta ao governo em um relatorio, que honra sobremaneira a intelligencia e zelo deste distincto magistrado. Vamos transcrever alguns paragraphos deste documento, porque interessam altamente ao assumpto de que nos occupamos e para o qual muito desejaríamos chamar as atenções do governo.

«Depois de visitar e inspeccionar as repartições e estabelecimentos publicos das diversas povoações deste districto, que percorri, julguei util aproveitar ainda o tempo de descanso que me restava no exame das diversas curiosidades da historia ou objectos de arte, que por ventura encontrava no meu itinerario.

«Os concelhos de Alter do Chão e Aviz são os que mais exemplares possuem e mais interesse inspiram sob este ponto de vista. Sobre o rio Seda, a duas leguas de Alter para o poente, está assente uma bella ponte romana de seis arcos de granito, que, segundo a tradição, fazia parte da estrada militar latina, que conduzia de Santarem por Abrantes até Merida, em Hespanha. A fórma, o typo e o caracter da sua architectura não nos deixam duvida alguma sobre a origem dos seus fundadores, havendo comtudo toda a difficuldade, senão impossibilidade, em lhe assignalar o seculo. Este monumento, pela solidez da sua construcção, pela elegancia das suas formas, pelo seu estado de conservação e pela epocha que recorda, é digno de todo o interesse e por isso merecedor da protecção e solicidade dos poderes publicos.

«Esta ponte, chamada de *Villa Formosa*, povoação extincta, cujos vestigios são ainda numerosos em derredor, é um dos rarissimos specimens deste genero de construcções no nosso paiz, attestando ainda eloquentemente a grandeza e magestade, que presidiam ás concepções monumentaes do povo-rei, que conquistou o mundo conhecido, e cuja civilisação deveria nos seculos do porvir illuminar toda a terra.

«Larga, espaçosa e de uma solidez que parece desafiar outros tantos seculos, esta poderosa construcção, á semilhança do gigante ferido de morte no coração, está prestes a succumbir e em breves annos desaparecer e precipitar-se no valle que ella corta. Uma asinheira, germinada mysteriosamente nas entranhas do edificio, e irradiando as raizes por modo desconhecido, tem rebentado por tal forma, e com tal energia atravez as grandes moles de granito, que as tem desconjunctado, depois de já haver destruido uma das suas guardas, ameaçando derrocar e fazer cahir completamente um dos principaes arcsos.

«Um pouco de curiosidade piedosa ha 50 annos (idade do potente vegetal) teria morto e extincto o germen da unica ruina d'este monumento; não a houve, porém, e o mal, crescendo e arraigando-se, carece hoje de remedio prompto, que o combata e vença, restituindo ao enfermo a saude e vigor de que tão digno é. Apesar dos poucos meios de que dispõe a camara municipal de Alter, fiz interessar o seu presidente para auxiliar com metade a despeza total na necessaria reparação.

«A camara, pois, dará metade da somma precisa e mais cooperação para os reparos, mas solicita, e eu com ella, a intervenção e auxilio do governo pelo ministerio das obras publicas para completamento do que faltar.

«Não terminarei sem lembrar a v. ex.<sup>a</sup> que o remedio deve ser prompto e sem demora, porque mais tarde será inefficaz e inutil. A *ponte romana de Villa Formosa* é um d'aquelles restos venerandos da antiguidade que se devem respeitar e conservar por todos os meios, e cuja despeza é uma esmola que satisfaz o coração e ennobrece o espirito. Respeitemos os monumentos de granito, que são as mais verdadeiras paginas de historia, que os disputadores não podem refutar ou negar. Póde contestar-se a existencia dos heroes de Homero, a efficacia das philosophias escolares, ou a pureza da moral de Platão, mas as esplendidas glorias da civilisação grega ou latina hão de viver indisputadas nos genios de Phidias, Callicrate e Miguel Angelo, em quanto durarem os frontões do Parthenon em Athenas e a cupula de S. Pedro em Roma. São mais eloquentes e verdadeiras as pyramides de Gizeh no Cairo e os templos de Elora na India, do que todos os papyrus dos sacerdotes egypcios e todos os volumes dos historiadores brahmanes.»

Custará a crer, certamente, que depois de uma representação tão

auctorisada, pela pessoa que a dirige e pelas razões em que é fundada, e depois de obtida a annuencia da camara de Alter para tomar a si metade da despeza de reparação, continuasse em culpavel abandono, exposto a total ruina, um monumento por tantos titulos apreciavel e valioso!

Se o facto citado da ponte romana de Villa Formosa accusa os nossos governos de incuria imperdoavel, outro exemplo de negligencia encontramos apontado no mesmo relatorio, ainda mais digno de reparo e de severa censura. Tratando da sua visita ao convento de Aviz, o snr. Teixeira de Queiroz prosegue assim no referido documento:

«Sobre uma elevada collina de granito, cuja base mergulha nas aguas da ribeira de Aviz, donde tira a etymologia, se destaca a villa deste nome, tantas vezes célebre nos fastos da nossa historia nacional. É sabido que a Ordem de cavallaria de Aviz foi fundada por D. Affonso Henriques e estabelecida em Evora, e que D. Affonso II, subindo ao throno em 1211, deu a villa de Aviz a estes cavalleiros, que em seguida a vieram occupar com o seu gran-mestre D. Fernando Eannes, installando alli a sua nova residencia e erguendo o famoso mosteiro, que mais tarde teria a gloria de contemplar em um seu gran-mestre o chefe de uma das mais illustres dynastias de Portugal.

«Ao patrimonio destes cavalleiros, poderosamente auxiliado e engrandecido depois pelo braço real de D. João I, deveu sem duvida esta Ordem religiosa a fortuna, prosperidade e opulencia que em seguida attingiu, e de que restam ainda brilhantes vestigios no templo do actual mosteiro. Ampliado e largamente augmentado nas suas edificações pelo começo do XVIII seculo, o convento de Aviz só conserva da sua primitiva fórmula e architectura a torre do campanario, a sacristia, uma galeria da crasta e um celleiro soterrado. Á falta, porém, de primores architectonicos, que as grandes modificações da ultima reconstrucção deveriam forçosamente ter destruido, o mosteiro de Aviz encerra ainda curiosidades dignas da attenção do viajante, e de todos os homens em cujo coração vibram os eccos da historia e as nobres emoções da arte. Fallo de diversos quadros a oleo sobre panno e madeira, esculpturas, legendas historicas, e inscrições tumulares sobre marmore e alabastro, memorando os nomes e feitos de muitos mestres, priores e cavalleiros da Ordem, bem como elegantes e primorosos ornatos em baixo e alto relêvo, esculpidos em cedro e carvalho do norte, que formam a decoraçáo da magnifica capella-mór (chefe de obra

de delicadeza e bom gôsto), do côro da igreja e das molduras de varios quadros sobre panno.

«Entre estes tornam-se notaveis uma excellente cópia da «Ceia», de Leonardo de Vinci, na casa do refeitório, que actualmente serve de theatro a uma sociedade de curiosos da localidade, e que, pela correcção do desenho, boa distribuição de luz, acção dos personagens e vigor do colorido, julgo de bastante merito e apreço. Cercada de uma soberba moldura de cedro entalhado, onde a variedade e opulencia dos arabescos e ornatos se casam na mais feliz harmonia, esta tela, de dez pés de largo sobre oito de alto, digna de figurar em uma academia, em um museu ou no templo de uma cidade populosa onde pudesse ser vista e avaliada, está proxima a desaparecer, rasgada pelos curiosos comediantes ou casualmente incendiada por qualquer archote do theatro em que fallei, ao qual serve de panno de fundo.

«Uma Virgem gloriosa cercada de anjos, na capella abandonada e privativa do antigo prior, quadro em boa conservação, que julgo pertencer á mesma escola e auctor, ornado de moldura do genero e estylo do precedente.

«Outra Virgem bastante formosa—Santa Theréza e Santa Escholastica, quadro sobre madeira, no estylo e maneira de Grão Vasco, situado e quasi de todo perdido no fundo sombrio e humido de um corredor em ruinas.

«Vi ainda outros quadros inteiros ou rasgados nas diversas capellas e muros da igreja, mas não me pareceram merecer attenção, nem pelo estylo, nem pelo colorido, nem pelo assumpto.

«No genero de curiosidades calligraphicas prenderam-me o reparo dous grandes volumes—um breviario e um missal de cantochão—escriptos á penna sobre pergaminho, illuminados, e illustrados de grande profusão de vinhetas e flores. Já pelo bom gôsto, já pela paciencia e perseverança que presidiam ás obras d'este genero, acho dignos de todo o interesse e conservação estes dous volumes, que encontrei esquecidos e abandonados no pó em um dos angulos da capella-mór.

«A igreja e convento de Aviz estão profanados ha muito, e o mosteiro, com tudo o que elle encerra, é hoje propriedade da fazenda nacional, entregue á guarda do escrivão da fazenda e dos agentes subalternos do fisco. Tudo alli se acha sepultado na maior desordem, deteriorado e alterado pelo tempo, deturpado e prostituido pelos homens. Quadros, mausoléus, lapides sepulchraes, inscripções, ornatos de

talha, volumes raros, etc., nada escapa ao vandalismo destruidor, que foi sempre a feição mais pronunciada do nosso povo, e que, por um phenomeno inexplicavel, redobra de intensidade nas superiores camadas sociaes, e sobretudo nos empregados e agentes das nossas estações publicas.

«Permitta, pois, v. exc.<sup>a</sup> que eu levante daqui o meu brado de piedade, e que em nome do respeito aos monumentos e do amor ás artes lhe supplique haja de obstar áquella negligencia impia, obtendo que quanto antes se ponham a salvo dos novos barbaros todos os restos preciosos que o mosteiro de Aviz encerra e que fizeram parte do apanagio pomposo da Ordem religiosa que mais se illustrou na nossa historia patria.

«Foi com a aquisição de quadros, estatuas, bustos, medalhas, pergaminhos e exemplares de todas as artes plasticas, formados dos despojos dos conventos, mosteiros, igrejas, capellas e confrarias, que a Hespanha fundou em Madrid o Museu de El-Rei, o melhor, o mais variado, o mais escolhido e rico dos museus da Europa.

«Se o mesmo sentimento da arte e a mesma veneração á historia, com a mesma solicitude e zelo, tivessem calado em nós desde 1834 até hoje, não receio affirmar que possuiriamos um museu ou galeria de pintura e antiguidades que nem envergonharia as nossas tradições nem attentaria contra o bom gosto. Assim, afóra o padrão memoravel das conquistas orientaes erguido em Belem, e os primores esculpturaes da Batalha relembrando um feito de armas glorioso e o firmamento de uma dynastia, nada temos de digno a exhibir á curiosidade estrangeira ou nacional! Lamentavel incuria.»

Seriam inacreditaveis estes factos, se não fossem narrados, em documento official, pela primeira auctoridade administrativa do districto. Parecerá incrivel, certamente, que no anno de 1866 se consentisse em uma villa do reino que um painel da «Ceia do Senhor», qualquer que seja o seu merecimento artistico, servisse de panno de fundo a um theatro! Parecerá incrivel que em tempos tão proximos destes em que blazonamos dos nossos progressos assim jazessem abandonados, entregues á acção consumidora do tempo e á brutalidade da gente ignorante, ainda mais destruidora que a dos seculos, tantos productos de variados ramos da arte. Porém o que é ainda mais para se estranhar e lastimar é que, depois de levados officialmente taes escandalos ao conhecimento do governo, fosse desattendido aquelle brado, tão cheio

de sensatez e de patriotismo, e ficasse sem deferimento tão justa supplica!

O sr. Teixeira de Queiroz, pouco depois de enviar ao ministro o citado relatorio, foi transferido para outro districto administrativo. Passado algum tempo houve mudança de ministerio e de politica. Mas no convento de Aviz nada mudou, a não ser para maior estrago daquelles objectos de arte, pois que a obra de destruição continuou a correr livremente.

Não deveriamos estranhar que succedam taes factos em uma pequena villa do interior do reino, quando na propria capital nem sempre se respeitam os monumentos e algumas vezes se têm levantado contra elles mãos sacrilegas! Vamos mencionar um facto muito censuravel e que é de moderna data, deixando de citar outros de revoltante barbaridade, por serem praticados em epochas anteriores, posto que alguns destes já sob o regimen constitucional.

Na guerra que rebentou entre Portugal e Castella no terceiro quartel do seculo XIV, movida pela ambição do nosso rei D. Fernando, que intentou cingir a corôa do paiz visinho, veiu sobre Lisboa, á frente de um poderoso exercito castelhano, el-rei D. Henrique II. Defenderam-se heroicamente os lisbonenses dentro dos muros da cêrca antiga, ao diante denominada velha, para differença da nova, mas a cidade, no seu crescer, tinha lançado por fóra della muitos braços, que eram compridas ruas, todas guarneçadas de casas, em que se achavam os principaes estabelecimentos de commercio, e toda esta parte estava por conseguinte em poder do inimigo. Vendo D. Henrique II que não podia vencer a resistencia dos habitantes, levantou o cêrco, deixando saqueadas e entregues ás chammas todas as casas de fóra dos muros, e bem assim as dos arrabaldes.

Foram enormes as perdas e mui lastimosas as queixas dos moradores. Para dar satisfação a estas e evitar no futuro igual catastrophe, mandou el-rei D. Fernando construir uma nova cêrca, que abrangesse no seu recinto toda a casaria da cidade. Não obstante contar toda a muralha, incluindo a velha, que era mui limitada, 7:000 passos de circumferencia, com 77 torres e 48 portas, correu a obra com tal esforço e diligencia, trabalhando espontaneamente nella, como activos operarios, muitos centenaes de cidadãos, aos quaes davam o exemplo numerosos padres, que se concluiu esta grande construcção no curto praso de dous annos (de 1373 a 1375).

Passados dez annos esta muralha, defendida valorosamente pelo mestre de Aviz e pelos seus intrepidos companheiros de armas, salvava Lisboa de cahir em poder de D. João I de Castella, concorrendo assim para a salvação da independencia de Portugal, em uma das mais temerosas crises que tem atravessado.

Succederam-se os seculos: a cidade, no seu progressivo desenvolvimento, rompeu por tantos pontos este segundo cinto de pedra, que poucos restos attestam hoje a sua existencia. A torre de Alvaro Paes, a porta do Condestavel, a de Santa Catharina e outros lugares memoraveis pelas proezas que presenciaram nessa gloriosa defesa desapareceram inteiramente, a ultima que nomeamos aos impulsos do terramoto e as duas primeiras aos duros golpes do alvião, em nossos dias. Porém resistiu, por um feliz acaso, a todos os abalos de terra, ao embate das tempestades e á furia demolidora dos homens a parte mais monumental da muralha, por conter a inscrição commemorativa da sua fundação. É um angulo da muralha, que está proxima da porta da Mouraria, que ainda existe com o nome de arco do marquez de Alegrete.

A inscrição está gravada em uma grande pedra oblonga com moldura, embebida no muro junto ao angulo, e declara os nomes do fundador, do superintendente e dos mestres da obra, e as datas do começo e do fim dos trabalhos de construcção. Esta circumstancia, rarissima de encontrar em os nossos monumentos antigos, augmenta o valor da inscrição, assim como esta faz duplicar o apreço em que devem ser tidos aquelles restos da cêrca de D. Fernando. A data da inscrição harmonisava perfeitamente com o aspecto da muralha, que bem evidentemente patenteava na côr tostada e no carcomido das pedras os estragos que os seculos lhe têm feito. Pois houve em Lisboa, não ha muitos annos, uma camara municipal que mandou rebocar e cair a muralha, despojando dest'arte o monumento da sua feição veneranda! E não se pense que a belleza do sitio ou a regularidade das edificações pedia que se alindasse aquelle resto da muralha. A sua situação, no recanto de um pequeno largo, cercado de construcções muito irregulares, encostada a um elevado morro e contigua ao antigo palacio dos marquezes de Alegrete, edificado no lugar por onde continuava a mesma muralha, parecia defendel-a das vistas e dos ataques dos demolidores e reformadores. A este feliz acaso tem devido até hoje a sua existencia.

A acção das camaras municipaes em o nosso paiz é demasiadamente limitada pelas attribuições do poder executivo. Cremos que não ha outro reino, regido por instituições liberaes, onde a administração publica esteja mais centralizada, que em Portugal. É uma pratica opposta á indole destas instituições, e que obsta a que produzam todos os seus fructos naturaes. Por conseguinte, as reformas descentralisadoras, sábia e prudentemente legisladas, constituem uma exigencia do systema representativo, e ao mesmo tempo uma condição essencial para o desenvolvimento moral e physico de uma nação.

Mas porque será, que tendo nós, os portuguezes, entrado desasombradamente no caminho das reformas, guiados pelos principios mais liberaes, ainda não ousamos dar passos seguros para resolver o problema da descentralisação? A razão está, sem duvida, nas diversas, e não pequenas difficuldades, que se oppoem á realisação d'essa grande reforma, a qual sómente poderá ser proficua se estiver em perfeito accordo com os costumes e com o estado de civilisação do povo. Não sabemos se já se póde julgar chegada a occasião opportuna para ser tentada a experiencia com esperanza de bom resultado. Não sabemos, nem o lugar é apropriado para similhantes apreciações, sendo essa questão muito alheia ao assumpto de que nos occupamos. Porém, relativamente a um passado muito proximo da actualidade, é fóra de toda a duvida, que os costumes e estado de cultura do povo portuguez estavam em completa desharmonia com as condições, que lhe impunha uma tal reforma. Não seria preciso fazer grande apparatus de raciocinios para se comprovar aquella asserção. A incuria e desleixo da maior parte das camaras municipaes em promover melhoramentos de reconhecida utilidade, e o procedimento de algumas, e não poucas, contra os monumentos, fallam mais alto, que todos os raciocinios, que se possam invocar.

O acto, que referimos, da camara de Lisboa, concernente á parte máis monumental da cêrca de muros de el-rei D. Fernando, foi precedido e seguido de muitos outros de igual natureza, e ainda peiores, tanto na capital como em varias terras do reino.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

## REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

## ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ACTA N.º 35

Sessão de Assembleia geral de 11 de Dezembro de 1908.

Presidente—o 1.º secretario Gustavo de Mattos Sequeira.

Secretario—o vice secretario Victor Ribeiro.

Vice-Secretario—Antonio Cesar Mena Junior.

Foi aberta a sessão ás 9 horas e dez minutos da noite estando presentes os dignos socios srs. D. José Pessanha, Mr. Elviro dos Santos, Sebastião da Silva Leal, Julio Augusto Ferreira, Antonio Cesar Mena Junior, Francisco Soares O'Sulivand, Victor Ribeiro, Dr. Arthur Lamas, Manuel José da Cunha Brandão, Eduardo Rocha Dias e Gustavo de Mattos Sequeira e sendo por este ultimo tomada a presidencia, por se não acharem presentes o presidente e vice-presidente da mesa, communicou tal facto á Assembleia que decidiu, sendo o caso omisso no regulamento e estatutos, ficasse presidindo o 1.º secretario, tomando em seguida o logar d'este o vice-secretario, signatario desta, e o de 2.º secretario o digno socio sr. Antonio Cesar Mena Junior.

Constituida a mēsa deste modo iniciou-se a leitura da acta da sessão antecedente e, depois desta ser devidamente aprovada, passou-se á leitura do expediente que constou dos documentos seguintes:

1.º Officio da Commissão de propaganda contra as habitações insalubres, ao presidente desta Associação, pedindo a sua comparencia na reunião que se realisou a 26 de Julho do anno corrente. A assembleia tomou conhecimento deste documento depois de informada pela mēsa de que tal comparencia se tinha efectuado.

2.º Diferentes bilhetes de convite do Atheneu Commercial de

Lisboa. Tomou-se conhecimento, informando a mēsa que se tinham devidamente agradecido.

3.º Carta do digno socio sr. visconde da Torre da Murta pedindo desculpa de não comparecer por motivo de doença.

4.º Carta do digno vice-presidente pedindo identicas desculpas.

5.º Carta do digno socio sr. Ernesto da Silva fazendo pedido similhante.

6.º Um cartão de agradecimento da Academia Real de Bellas Artes pela oferta do nosso Boletim.

7.º Uma circular do «Commercial Intelligence Bureau» solicitando para o seu annuario de informações uma lista dos membros desta Associação, sendo, pela mesa, communicado á Assembleia que tal pedido se tinha satisfeito.

8.º Um officio circular, acompanhado de um folheto explicativo do consulado geral de Espanha em Lisboa convidando esta Associação a concorrer á adjudicação das obras projectadas em Madrid, pelo Ayuntamiento daquela capital.—O signatario desta informou, finda a leitura do officio -circular, que taes documentos estiveram expostos na séde da Associação e que a sua recepção tinha sido noticiada nos jornaes.

9.º Officio dirigido por esta Associação ao ex-presidente da delegacia em Braga, enviando a nossa anuencia á eleição do sr. João Teixeira da Silva para o logar de presidente dessa delegacia.

10.º Communicação do Conselho Facultativo ponderando á Assembleia Geral o inconveniente grave que resultará para a cidade com a construcção do projectado palacio em S. Pedro de Alcantara.—Sobre este parecer estabeleceu-se discussão entre os srs. O'Sullivan, Dr. Arthur Lamas e D. José Pessanha e o signatario desta, decidindo, por fim, a Assembleia não ter competencia para interferir no assumpto.

11.º Officio da viuva do falecido architecto Parente agradecendo a homenagem prestada por esta associação á memoria de seu marido.

12.º Communicação do Conselho Facultativo, enviando, com a devida approvação, a proposta para socio efectivo do sr. Jordão A. de Freitas.

13.º Communicação do Conselho Facultativo, enviando, com a

devida aprovação, a proposta da nomeação de uma comissão de 5 membros para estudar o melhor meio de solicitar um subsidio para esta associação.

14.º Communicação do Conselho Facultativo de ter sido ofertada ao museu por intermedio do sr. Dr. Arthur Lamas, pelo commerciante do Rio, sr. Augusto de Sousa Lobo, uma valiosa collecção de moedas brasileiras do tempo da Colonia e Imperio, acompanhadas de um bem elaborado catalogo.—Sobre este assumpto mais communicou a mesa ter-se devidamente agradecido ao oferente e noticiado tal facto nos jornaes de maior circulaçãõ.

15.º Officio da Direcção Geral de Instrucção Publica insistindo pela nomeação de um representante desta associação ao congresso de Archeologia que vai reunir-se no Cairo na semana santa do anno proximo futuro.—Sobre este assumpto decidiu a Assembleia, constando-lhe a estada em Lisboa do sr. Pereira e Cunha, Juiz dos Tribunaes Mixtos no Cairo, solicitar deste cavalheiro, por intermedio do nosso digno consocio sr. Mendes Guerreiro, a honra de nos representar nesse congresso, ficando encarregada a mesa de promover tal convite, sendo ao mesmo tempo aquelle senhor nomeado socio correspondente.

16.º Officio da Direcção Geral do Ultramar communicando estarem á disposiçãõ da Associação, 98 volumes de diversas obras publicadas por aquella estancia publica, conforme uma relação junta.

Tomou-se o devido conhecimento.

17.º Officio-circular da Commissãõ de Centenario da Guerra Peninsular, pedindo lhe seja dado conhecimento de todas as gravuras, livros, memorias e mais documentos que na nossa bibliotheca se encontrem com referencia áquelle assumpto. Não havendo, conforme a informação escripta, do digno conservador da Bibliotheca, nenhum documento que interesse áquelle commissãõ, foi resolvido se respondesse nesse sentido, dando porém conhecimento, officioso ou official, áquelle commissãõ, de existencia de um modêlo do tumulo de Wellington, no nosso museu.

18.º Officio do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Eduardo Freire de Oliveira, archivista do Municipio de Lisboa, enviando e oferecendo o 16.º volume da sua obra «Elementos para a Historia do Municipio» e agradecendo conjuntamente os esforços empregados por esta associação, para a Camara continuar promovendo a sua publicação.—Tomou-se conhecimento, resolvendo a assembleia lançar na acta um voto de agradecimento a este senhor.

19.º Officio do nosso digno socio Manuel José da Cunha Brandão agradecendo á Associação 50 exemplares da do seu estudo «As ruínas do Carmo» publicado no nosso boletim.—Foi igualmente votado a este senhor um voto de felicitação.

Finda a leitura do expediente, foi, pela mesa communicada á Assembleia a oferta de uma serie de numeros do jornal «Echos da Avenida», feita pelo nosso consocio J. A. Ferreira, contendo a continuação do seu valioso estudo de investigação sobre archivos e bibliothecas e oferecimento identico por parte do sr. Dr. Arthur Lamas, de um interessante folheto sobre numismatica, sendo proposto pelo presidente, e approved por unanimidade, um voto de agradecimento a estes nossos dois prestantes consocios.

Seguidamente pelo sr. Rocha Dias foi proposto um voto de sentimento pelo falecimento da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Emilia Freire de Oliveira de Pina Vidal, extremosa irmã e esposa dos srs. Eduardo Freire de Oliveira e do sr. Conselheiro Adriano Augusto de Pina Vidal e pelo sr. Dr. Arthur Lamas identico voto pelo falecimento do nosso ex-consocio sr. Manuel Joaquim de Campos, distincto numismata.

A seguir procedeu-se á eleição da mesa da Assembleia Geral e mais cargos para o anno de 1909, que deu o resultado seguinte:

Assembleia Geral—Presidente—Conselheiro Augusto José da Cunha, 15 votos.

Vice-Presidente (Archeologo)—Conde de Sabugosa, 9 votos.

Vice-Presidente (Architecto)—Rosendo Carvalheira, 10 votos.

Secretario (Archeologo)—Gustavo de Mattos Sequeira, 9 votos.

Secretario (Architecto)—Francisco Carlos Parente, 9 votos.

Vice-Secretario (Archeologo)—Victor Ribeiro, 8 votos.

Vice-Secretario (Architecto)—Alfredo Maria da Costa Campos, 10 votos.

Thesoureiro—Ernesto da Silva, 10 votos.

Conservador da Bibliotheca—Visconde da Torre da Murta, 10 votos.

Conservador do Museu—Gabriel Pereira, 10 votos.

Conservador adjunto—José Joaquim d'Ascensão Valdez, 9 votos.

Conservador adjunto—Julio Augusto Ferreira, 8 votos.

Tiveram mais votos:

Para Secretario (Archeologo)—Francisco Soares O'Sulivand, 1 voto.

Para Vice-Presidente (Archeologo)—Mr. Alfredo Elviro dos Santos, 1 voto.

Para Secretario (Architecto)—José Alexandre Soares, 1 voto.

Para Vice-Secretario (Archeologo)—Arthur Lamas, 2 votos.

Para Conservadores adjuntos do Museu—Victor Ribeiro, 1 voto, Sebastião da Silva Leal, 1 voto, Dr. Arthur Lamas, 1 voto.

Seguidamente votou-se, por esferas, a eleição do sr. Jordão de Freitas entrando na urna da votação oito esferas brancas e uma preta e na da contraprova, oito esferas pretas e uma branca, sendo portanto aprovado para socio aquelle distincto publicista.

Finda esta eleição a mesa apresentou á Assembleia uma lista de cinco nomes, para a commissão eleita para tratar do assumpto do subsidio, sendo acceita pela mesma assembleia. Os nomes foram os seguintes:

Rosendo Carvalheira.

José Alexandre Soares.

João Rodrigues Fernandes.

D. José Pessanha.

Francisco Soares O'Sulivand.

Depois de ultimado este assumpto, pediu a palavra o sr. Julio A. Ferreira, que dá parte á Assembleia de como tem exercido o seu mandato na assistencia á demolição da velha igreja dos Anjos, onde até áquella data nada tinha apparecido que interessasse verdadeiramente a Associação e aproveitando a occasião lembra tambem á Assembleia a necessidade de se alterar o feitto do cordão da insignia da nossa Associação, pela quasi impossibilidade de o usar tal como é.—A Assembleia decidiu enviar esta proposta ao Conselho Facultativo para elle dar o seu parecer.

Seguidamente o digno socio sr. D. José Pessanha communicou á assembleia as suas impressões sobre o assumpto da fachada da séde da Associação, prometendo de futuro tratar mais desenvolvidamente o assumpto, pois julga que o retrahimento dos dois corpos lateraes que não é da primitiva, prejudica notavelmente o aspecto da fachada que sem ser um primor de architectura tem entretanto algum character que julga mister conservar na integridade primitiva.

O secretario servindo de presidente deu parte, seguidamente, á Assembleia de ter escrito ao digno socio sr. Felix da Costa solicitando a sua comparencia no museu para a reparação e retoque nos retratos dos falecidos socios antes de serem colocados no seu devido lugar, não tendo porém recebido ainda resposta. Aproveitando estar no uso da palavra, apresenta novamente a ideia de se officiar á direcção da Escola Polytechnica, solicitando a remoção do tumulo de Fernão Telles de Menezes e de sua mulher, existentes n'um barracão daquelle estabelecimento de ensino, para logar condigno e mais patente ao publico, dentro do mesmo edificio, collocando-se o mausoleu sobre o pedestal de que está apeado.—A Assembleia decidiu que se officiasse nesse sentido, aprovando a proposta apresentada.

Ultimada esta votação, foi apresentada, e assinada pelos socios srs. Victor Ribeiro, Antonio Cesar Mena Junior, Gustavo de Mattos Sequeira, Arthur Lamas, Francisco Soares O'Sulivand, D. José Pessanha, Eduardo A. da Rocha Dias, Sebastião da Silva Leal, e Julio A. Ferreira e proposto para socio effectivo o sr. Eduardo Freire de Oliveira, dignissimo archivista da Camara Municipal de Lisboa. A assembleia aprovou-a, por unanimidade resolvendo, como é da praxe, envia-la ao Conselho Facultativo.

Não havendo mais assumptos a tratar foi encerrada a sessão.

Eram onze horas e meia da noite.

O Vice-secretario

VICTOR RIBEIRO



Abril e Junho de 1909

## BOLETIM DA REAL ASSOCIAÇÃO

ARCHITECTOS CIVIS E ARQUITECTOS PORTUGUEZES

## ERRATAS

A pag. 626, lin. 10, onde se lê: Até 1777 — leia-se: Até 1778.

A pag. 626, lin. 31 e 32, em vez de: O primeiro que se realizou em a nova Capella real foi a 23 deste mesmo mez e anno — leia-se: No L.º 1.º dos matrimonios, archivado na Camara ecclesiastica (1760—1788), apenas dei fé de trez termos de casamentos realizados na Capella real da Ajuda, a saber: 12 de setembro de 1778, 1 de maio de 1783 e 12 de abril de 1785. Este ultimo diz respeito á infanta D. Marianna Victoria com o infante hespanhol D. Gabriel.